

MARIA CREUZA NO JAPÃO

“SAQUÊ À PARTE, O PAÍS É DO SAMBA”

NOSSA! Cruzes! Deus me defenda! Chega a ser engraçado imaginar a interjeitiva e exuberante Maria Creuza no Japão, fazendo o sucesso que já é sabido que faz. Mais até que no Brasil, onde vende em média 200 mil discos. Pois não é que lá tem até fã-clube, de retratinho da cantora na lapela e tudo, e presidente chamado Idea? E no entanto não faz muito tempo Maria Creuza esteve em Tóquio para o Festival da Canção Internacional promovido pela Yamaha Foundation, juntamente com nomes como Elton John. E tirou o 2º lugar. Fato que não acha nem muito importante se comparada à recepção da crítica local ao show que com Antonio Carlos e Jocafi fez no Pitt Inn Club, especializado em jazz. Capa de revista, especial de televisão. A animação de Maria Creuza com o Japão é tão grande, que saquê à parte — a bebida japonesa que ela detesta — já está pensando em voltar para uma temporada de meses, percorrendo diversas cidades do país.

— Recebi um convite também para gravar um disco. E estou querendo aprender japonês para atingir determinada faixa do mercado, que não é imprescindível, mas seria interessante conseguir atingir.

Romântica, a voz quente, como Maria Creuza conseguiu penetrar num mercado que acolhe de braços abertos Alcione e Beth Carvalho é mistério que ela explica no enorme interesse que a música brasileira desperta na Terra do Sol Nascente e também no agrado que o samba lento **Você Abusou** provocou.

Hospedados no Hotel Gran Palace com os artistas dos outros 36 países convidados, Maria Creuza e Antonio Carlos passaram 21 agradáveis dias naquele que é considerado o 2º mercado discográfico do mundo.

— Bebi o vinho de lá (não o típico), comi arroz à beça, engordei bastante. Descobri gente que conhecia minha carreira desde os primeiros discos, que conhecia muitos detalhes da minha biografia de que eu nem me lembrava mais. Agora, o que fiz de show lá foi muito

trabalho integrado com o Antonio Carlos e o Jocafi, porque se aqui dá para separar as carreiras, lá não dava não, era tudo muito junto mesmo.

Ouvir a baiana Maria Creuza — ex-partner de Vinícius e Toquinho, em altas temporadas em Buenos Aires, ex-cantora de festival universitário (quem não se lembra do Mirante de César Costa Filho?) — falar do Japão que viu é ouvir uma visão descontraída, galata mesmo, das coisas. Visão de quem se surpreendeu ao ver seu quarto no hotel, invadido por fãs que lhe perguntavam tudo, por que colocava uma flor no cabelo, ao subir ao palco, como se vestia, de quem não conseguiu voltar sem comprar meio bairro de Ghinza, o mais chique, de melhores butikques, — “você pensa que está em Nova Iorque” — de Tóquio.

— Eu quase trago Tóquio nas costas.

O que mais impressionou, a cantora, foi o que de maneira geral impressiona quem vai ao Japão: a mistura de costumes orientais e ocidentais.

— A gente vê uma mulher elegantíssima com um vestido Saint-Laurent, outra vestida de quimono típico no mesmo restaurante. Em matéria de horário, eles também são diferentes. Marcavam com a gente às 4h, às 2h30m, já estavam lá. Pegavam o telefone e avisavam: “Maria, estamos aqui”. São de um servilismo incrível, não no sentido de não terem orgulho, mas de cortesia mesmo.

— Isto para com as mulheres ocidentais — interfere Antônio Carlos, com o filho mais novo (sete anos) no colo — porque as japonesas são verdadeiras gueixas.

As impressões de Antônio Carlos sobre o Japão, onde apesar do relativo fracasso do último disco, em parceria com Jocafi, fez sucesso, são de puro deslumbramento.

— A gente não precisa levar conjunto para tocar junto, lá tem gente que toca até cuica, perfeitamente entrosados. Os críticos sabem qual o cantor brasileiro que tem influência de quem, quem só imita. E tudo o que falaram do meu

segundo disco, por exemplo, “que era frio”, foi com razão.

Mas Maria Creuza não deixa o marido e compositor preferido falar muito e logo interrompe explicando por alto o que ele talvez quisesse explicar com mais detalhe.

Eles cantaram (Antônio e o Jocafi) **Ró Serrada**, música de Zé do Maranhão e Neca da Portela, do próximo disco deles, que reúne um material que eles nunca gravaram, completamente diferente. A reação foi ótima. Eu cantei **Noite de meu bem, Garota de Ipanema, Diacho de Dor**. Agora só estou pensando na volta, como vai ser para levar meus três filhos (um deles uma menina chamada Luana) para ficar 2 meses fora de casa.

A única coisa que não gostei na viagem foi a propriamente dita, de avião, Rio-Nova Iorque-Alaska-Tóquio. Porque em matéria de folclore e mordomia tudo foi ótimo, fiz até um escandalozinho particular. Foi num hotel em Nímu perto de Tóquio, hotel com tatame no lugar de camas, tudo muito tradicional, chá (com cuja cerimônia eu já estava acostumada a essa altura, pois tive que aprender para gravar para a televisão). No meu quarto, mal entrei, vi três quimonos prontos para eu usar. Um de algodão florido, que vesti imediatamente, outros dois que achei muito grandes e por isso não vesti. Só que tem que o quimono que eu vesti era uma espécie de roupa de baixo de modo que quando eu apareci no salão do jantar de gala com o quimono foi surpresa geral. E o garçon só sossegou quando uma das moças que estavam me atendendo foi até o quarto e trouxe o menor dos dois quimonos grandes para eu vestir.

Platêias de mais de 700, 1.200 pessoas cantando em coro o **Carinhoso de Pixinguinha**, uma feijoada amiga na casa de Sonia Rapsa (cantora radicada no Japão), com farinha cedida pelo Embaixador no Brasil. Na volta agora, Maria Creuza aguarda as vendas do seu último disco **Pecado** (RCA) e a mudança meio atabalhoada para uma casa na Barra da Tijuca.

FATOS E FOTOS

17/ 12 | 795 956

ceia.



Saliva & Associados

Pais&Filhos
11 anos de prática

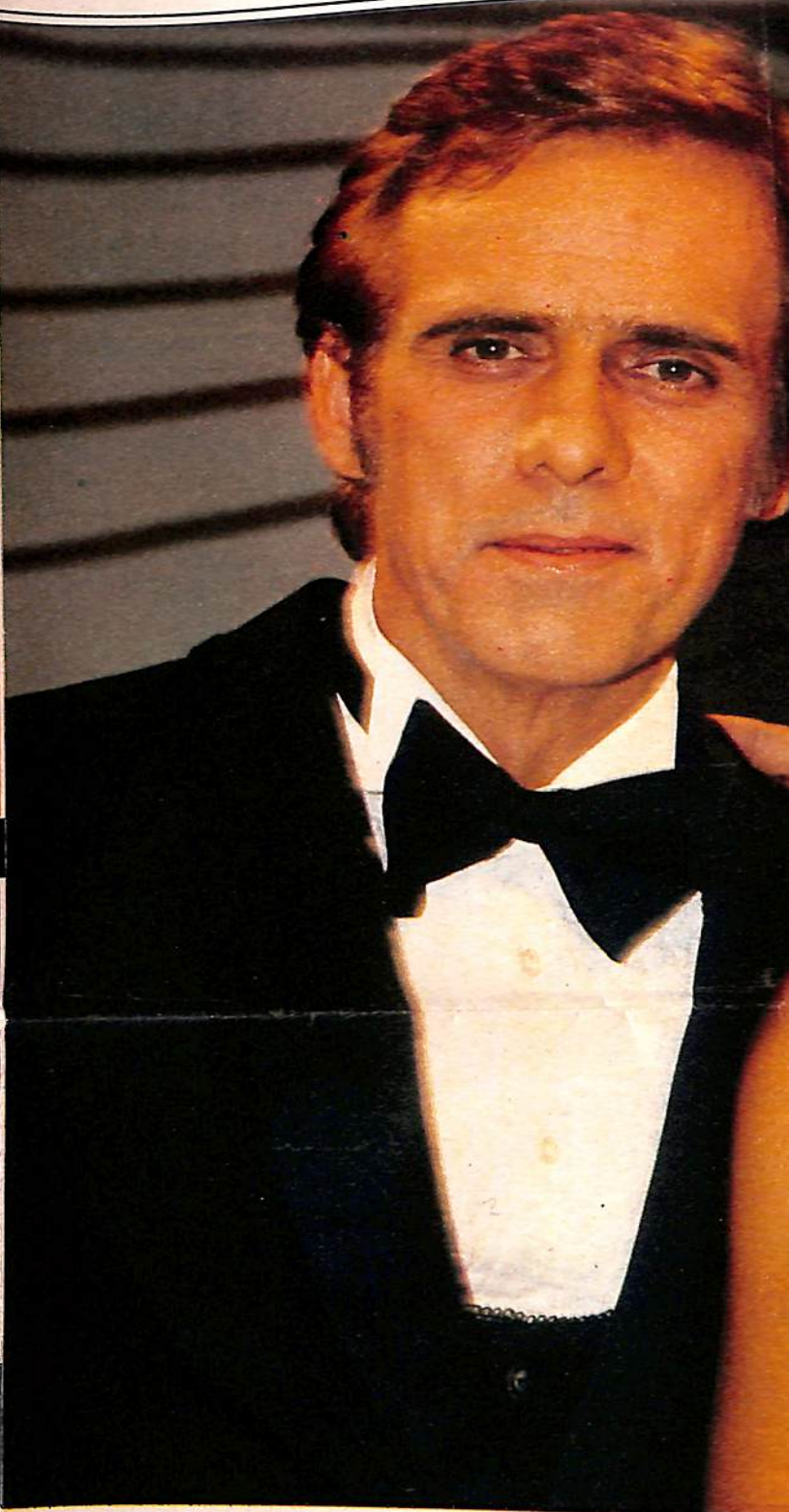
ESPECIAL



Com o Dr. Sardinha, Roberto fez um apelo em nome do músico brasileiro. Resposta do comediante: "Cante, Roberto. Cante que o João garante."



Com o Dr. Arquelau, Roberto teve que tocar muita campainha, antes de cantar com Maria Bethânia, coisa que esperava fazer há oito anos.



ROBERTO CARLOS

segundo seus caros amigos



Declamando poemas de Vinícius e Manuel Bandeira ao lado dos atores Francisco Cuoco e Dina Sfat ou com Renato Aragão, Roberto conquistou a todos com sua simpatia. Disse Renato que "todos têm que se igualar a ele".

● Nuvens, câmera rasgando nuvens descobre Roberto Carlos no topo da Pedra da Gávea cantando *Força Estranha...* O som diminui e o cantor começa a dizer: "... Mas não é nada disso. Vocês sabem o que é um palhaço? Vocês têm grandeza bastante para isso? Crises de palhaço todos nós temos. De repente, num Natal, me ocorre a crise. A gente rouba uma verdade, veste um palhaço e pronto, tudo acabou. Eu já fui palhaço até no meu ofício." E começa a cantar *Vista a Roupa*.

Com esta cena tem início o sexto *Roberto Carlos Especial*, um programa que faz parte de um contrato entre Roberto Carlos e a Rede Globo e que inclui mais seis ou oito apresentações anuais.

Durante quase um mês inteiro, o cantor dedicou-se exclusivamente às gravações desse *Especial*. Visitou todos os sets da emissora, desde jornalismo, *shows*, novelas, até programas infantis, participou de cenas ao lado de conhecidos personagens do humor, como o Dr. Sardinha, o professor Arquelau, a famosa Salomé e os engraçados Trapalhães. Cantou com Maria Bethânia, um encontro que parece ter emocionado a ambos e que fez Roberto confessar estar esperando por isso há oito anos. Recebeu Paulo Gracindo, Dina Sfat, Francisco Cuoco e Vera Fischer, os quatro atores convidados a interpretar poemas de Vinícius de Moraes e Manuel Bandeira.

Como se tudo isso já não bas-



ROBERTO CARLOS

Agildo Ribeiro: "Trabalhar com Roberto Carlos é um contato celestial, envolvente, divino." Por ele, "faria um especial por dia" com o cantor

tasse, ao acabar as gravações de estúdio, Roberto Carlos voou para Nova Iorque, onde deverá continuar as cenas do *Especial*, desta vez ao lado de Tony Bennett, além de pequenas tomadas nas ruas da cidade americana. *Roberto Carlos Especial* irá ao ar no dia 21 de dezembro, e se constitui quase num programa-festa, pois coincide com o aniversário de 15 anos da Rede Globo.

Do repertório do cantor, quase todas as músicas mais recentes foram incluídas, sem faltar as que já se transformaram em verdadeiros clássicos do cancionário popular. Você ouvirá: *Amigo*, *Canzone Per Te*, *Ano Passado*, *Desabafo*, *Meu Querido*, *Meu Velho*, *Meu Amigo* (estas três, do disco novo), *Seu Corpo*, *Proposta*, *Olha, Jeito Estúpido*, *Cavalgada*, *Outra vez*, *Calhambeque*, (com Segundinho, seu filho), *O Portão*, *A Deusa da Minha Rua*, *El Dia que me Quieras*, *América* e ainda *Café da Manhã*, *Os Botões da Blusa* — estas duas na voz de Roberto e em versão engraçada feita por Marcos César, um dos redatores do programa, e Renato Aragão.

Com Dr. Sardinha e Salomé, Roberto reivindica melhor situação para o músico brasileiro. Com o professor Arquelau, ele vive momentos engraçadíssimos como a Múmia Paralítica, campanha e tudo, num diálogo cheio de humor que acontece mais ou menos assim:

Agildo: Hoje eu vou falar sobre a música brasileira. A música brasileira é como a Bruna Lombardi: linda, tem violão, balanço... só que não se pode tocar. **Roberto:** toca a campanha! **Agildo:** Eu, pelo menos, nunca toquei. Mas para que toquem mais a música brasileira, tem que fazer como o Maluf: a Petrobrás também era intocável, e ele tocou pra frente! **Roberto:** toca a campanha! **Agildo:** Tem razão: o Maluf



Com a Salomé, Roberto viveu um dos momentos mais engraçados de seu *Especial* deste ano, que comemora os 15 anos da fundação da TV Globo.

Com Os Trapalhões, cantou *Os Botões da Blusa* e teve que ouvir uma paródia, cantada por Renato Aragão e bolada por Marcos César, onde o personagem principal passa a ser o trapalhão Muçum.

tocando piano é uma coisa horrível. Quem tem que tocar música é o músico brasileiro que tá parado. Ora, músico parado morre de fome porque ele não tira nenhuma nota. Tem músico aí que tá trabalhando no mercado por falta de mercado de trabalho. Esse menino, o Edu, por falta de grana, comeu a gaita. Agora é Edu sem gaita! **Roberto:** toca a campanha! **Agildo:** Pára de tocar essa campanha! O músico, ao contrário de outras categorias profissionais, pelo jeito vai ter que fazer greve pra poder trabalhar. São os únicos que vão à greve, não por aumento de salário, mas pra ter aumento de trabalho. Essa nem eu entendi. É um paradoxo: a música brasileira riquíssima, o músico brasileiro paupérrimo! **Roberto:** concorda com a cabeça e ri sem parar! **Agildo:** Na próxima semana, falarei sobre esse menino Roberto Carlos que é campeão de popularidade, cam-

peão de audiência, de execução, de vendagem de compactos, de LPs, do K-7 a quatro. Coisa horrível!!

Depois da gravação, Agildo conversa com a repórter e diz que trabalhar ao lado de Roberto Carlos "é um contato celestial, envolvente, divino". Conta que chegou a ficar comovido com o jeito cativante e o talento incomum do cantor. Por ele, faria "um especial por dia com Roberto".

Outro que se emocionou bastante em gravar com o rei foi Renato Aragão. Confessa que ficou empolgado e inibido, meio tímido, pois "a gente tem que se superar para estar à altura dele". Renato diz que mesmo nos quadros mais engraçados não conseguiu conter a emoção. Vestido igualzinho a Roberto, ele canta sua versão para *Os Botões da Blusa*: "Os botões da calça/ que o Muçum usava/ eram tão peque-

nos/ não abotoava/ Quando as calças abriu/ foi uma festança/ todo mundo viu/ a sua poupança."

Em seu sexto *Especial* para a TV, Roberto consegue se adaptar, com grande facilidade, às mais variadas situações. As cenas são de humor, romance ou ainda as declamações de poesias de autores famosos. O cantor tinha sempre sua parte na ponta da língua. Seria a veia de ator que ele sempre tentou esconder? "Não acredito que precise da veia de ator. Fiz apenas o melhor no que me propus."

Até a veterana Dina Sfat não passou incólume pelas cenas do *Especial* e desabafou a emoção de estar ao lado do cantor, concluindo: "Diante de Roberto, sou uma interrogação ou uma exclamação. Talvez infinitas reticências..."

Texto de Lúcia Leme
Fotos de Sérgio de Souza

2 FILMES GRÁTIS

2 ofertas para você fotografar já.

Oferta válida por tempo limitado.

DIRETAMENTE DA ZONA FRANCA DE MANAUS



2 FILMES GRÁTIS

Tira-Teima

Basta apertar o botãozinho e pronto! Fotografe sua família, seus filhos, os amigos, suas viagens. Guarde para sempre os melhores momentos da sua vida. A câmera Tira-Teima tem foco automático e trava para impedir dupla exposição. Todos os controles são automáticos. Basta fazer Clic!, e pronto. Peça hoje mesmo a sua câmera Tira-Teima.

APENAS **599,00**

- APROVEITE
- 2 filmes coloridos grátis
 - Alça para carregar a câmera
 - Lindo estojo protetor
 - A Sonora paga as despesas do correio

Xereta

Fotografe com a câmera Xereta a sua família, suas viagens, seus filhos, amigos, o que você quiser. A Xereta vem equipada com flash magicube para você fotografar de dia ou de noite, dentro ou fora de casa. E tem mais: a Xereta tem controle automático de foco e trava para impedir dupla exposição. Basta fazer Clic! A Xereta fotografa fácil, fácil.

APENAS **799,00**

- APROVEITE
- 2 filmes coloridos grátis
 - Flash magicube
 - Alça para carregar a câmera
 - Lindo estojo protetor
 - A Sonora paga as despesas do correio

Somente a Sonora dá 2 Filmes Grátis para cada câmera que você comprar

Envie o seu pedido para:
Av. Castelo Branco, 1325 - CEP 69000
C.P. 822 - Zona Franca de Manaus AM - Brasil



SISTEMA SONORA DE FILME GRÁTIS

A maneira mais fácil e barata de fotografar.

Preencha hoje mesmo este Certificado Especial ou envie-nos uma carta.

CERTIFICADO ESPECIAL DE RESERVA

Sim! Quero receber _____ câmera (s) Tira-Teima pelo preço de Cr\$ 599,00 cada uma.

Sim! Quero receber _____ câmera (s) Xereta pelo preço de Cr\$ 799,00 cada uma.

Nome _____

End. _____

Cidade _____

Estado _____

Nº _____

Assinatura _____

CEP _____



SISTEMA SONORA DE FILME GRÁTIS

Quero maiores informações sobre o Sistema Sonora de Filme Grátis.

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!

A SONORA PAGA AS DESPESAS DO CORREIO

Centenas de milhares de clientes e amigos satisfeitos.

UM PRESENTE DE FIM DE ANO: BADEN POWELL

Dedos ágeis, mãos firmes e velocíssimas, este fluminense de 42 anos feitos dia 6 é um homem pequeno e magro, mas imensamente grande quando tem um violão para dedilhar.

Seu talento é incomensurável, seu virtuosismo é mostrado a cada faixa do Lp gravado ao vivo no Teatro Procópio Ferreira em São Paulo, entre 18 e 19 de agosto deste ano.

Baden Powell é o maior violonista do Brasil, sem a menor dúvida; seu nome é consagrado no Japão, na França, na Itália (tocou no Teatro Sistina e voltou à cena sete vezes, com o público aplaudindo de pé!), na Bélgica, na Holanda e até na Finlândia.

Baden ficou cinco anos na Europa; precisava voltar, era necessário.

Nós tínhamos necessidade de um novo Lp e de um novo espetáculo deste homem calado e um pouco tímido.

E então, acontece Reencontro, lançado como álbum duplo pela Wea com faixas de enorme importância como Canto de Ossanha; Tempo Feliz e uma interpretação antológica de Asa Branca (o único senão do álbum é que Baden canta e isso ele não deveria fazer pois desafina vocalmente e seu violão é tão bom, tão forte, tão certo, tão perfeito que ele fica parecendo calouro, atrapalhando a interpretação da orquestra. Mas, em Samba da Bênção ele se redime, diz a música como Vinícius, e isso só, já é elogio. Aliás sua voz é muito parecida com a de Vinícius, por isso, talvez a gente aceite, concorde, e ache lindo!

Mas diga-me o que dissemos, Baden é Baden, não existe outro, seu violão explode em acordes grandes e ele vai crescendo, crescendo, se tornando gigante, nos envolvendo e acaba nos emocionando com seu talento.

A platéia, vibra com a gente, a gente vibra com a platéia. Um final de ano felicíssimo para a WEA com este lançamento. O

Badem Powel é música, é talento, é poesia e virtuosismo. — que deixa a Austrália pela 1.ª vez, para gravar fora).

Ouçam a faixa *Lenda do Abaeté*, por exemplo, e de olhos fechados para poderem sentir o que ele faz com esta melodia de Caymmi, é inacreditável!

Depois deste Lp, não precisa-va ter novos lançamentos WEA, até janeiro! Obrigada, Baden Powell.

LANÇAMENTOS PARA OS JOVENS

FLEETWOOD MAC: — a banda que lança TVSK, um ambicioso álbum duplo que contém as novas canções do time de três compositores do grupo e vem numa embalagem complicada. Mas é só para quem gosta do estilo WEA.

FOREIGNER — continuam sendo ídolos nos EUA e a chance de seu sucesso é a mistura totalmente especial de vocalizações e instrumentos. Agora *Head Games*, o terceiro álbum duplo do grupo, vai fazer a farotada vibrar. WEA.

EAGLES: — Se vocês se lembram de *Hote California Luv'n' Eys* ou *Taleig It to The Limit*, sabem que Eagles é um grupo que não faz concessões, mantém sempre seu insuperável estilo que os caracteriza. Antes de procurar muito, concentrem-se em *The Long Run* o novo Lp destes cinco jovens fantásticos. WEA.

JIMMY CASTOR: — péssimo, músico eclético, Jimmy Castor já declarou mil vezes: "eu não quero fama, quero fortuna! Mas, assim mesmo ele tem fãs, já vendeu quase o primeiro milhão de Lps como intérprete em 67 com Hery, Lerov. Agora, para esses e outros fãs, a WEA lança Jimmy Castor BuncK. Para quem gosta, está ótimo, mas na verdade, ele continua péssimo!

AC/DA: para quem gosta de rock, o grupo certo é AC/DC, cinco jovens australianos que tomaram de assalto a Europa. O álbum foi gravado em Londres (uma coisa inédita para o grupo

QUEM GANHOU O ECM/WEA

Eis o resultado do Concurso ECM/WEA, para fotógrafos amadores sobre o tema... "o mais belo som depois do silêncio". O ganhador, Lourenço Manfredini Neto, de São Paulo, retratou uma onda do mar, em belíssima composição. O segundo lugar, ficou para Victor Gerhard, do Rio de Janeiro.

Concorreram 86 (oitenta e seis) fotógrafos amadores, sendo 47 do Rio de Janeiro e 29 de São Paulo. Houve uma grande incidência do assunto "água/mar, rios, lagos, etc..." seguido do assunto árvore e pôr do Sol. A intenção do prêmio é incentivar principiantes nesta envolvente arte, que é a fotografia.

MAUREEN MCGOVERN

Maureen McGovern, uma mulher de inúmeros talentos, tem uma beleza superada apenas por seus dons vocais. O primeiro sucesso de Maureen, *The Morning After*, tema do filme *The Poseidon Adventure*, foi líder internacional das paradas e lhe valeu uma indicação para o "Grammy" de "Melhor Cantora Nova".

Há muito tempo Maureen cultiva uma afinidade por trilhas de cinema. *We May Never Love Like This Again*, de "Inferno na Torre", foi apresentada por Maureen nas telas. Os temas de amor dos filmes "Cinderella Liberty", *Nice to Be Around* e "Gold" *Wherever Love Takes Me*, ambos cantados por Maureen, receberam indicações para o "Oscar" de Melhor Tema Original de Filme.

Mais recentemente, o tema de amor de Superman, *Can You Read My Mind* foi lançado pela Warner/Curb como uma das faixas do novo álbum de Maureen McGovern. O álbum de estréia desta moça é Maureen

McGovern produzido pela WEA por Michael Lloyd.

LUIZA FERNANDES SPANISH DANCER

Luiza Fernandes não poderia imaginar que e tornaria algum dia uma cantora de sucesso em toda a Europa, espanhola de Vigo, mudou-se para Hamburgo aos 12 anos com seus pais e ainda menina deixou sua profissão de cabelereira de bairro pobre em Hamburgo e foi aventurar-se no mundo da música. Sua primeira chance surgiu quando da sua participação em um concurso de Discoteque para descoberta de novos valores, de onde saiu vencedora. Um dos membros do júri, Davi Parker, acreditando em seu talento, não hesitou em compôr, especialmente para ela, duas canções *Lay Love On You* e *Make me Feel Allright*, sua primeira gravação em compacto simples, lançado em janeiro de 1978. Dá para frente a escalada de sucesso, foi bastante rápida, ficando o compacto em 5.º lugar nas primeiras semanas nas paradas de sucesso da Alemanha. Conseguiu discos de ouro na Bélgica e Nova Zelândia e em vários países. Seu primeiro Lp, *Discos Darling*, valeu a Luiza um prêmio dos "disc-jockeys" alemães, que deram a ela o carinhoso apelido tirado da faixa título do disco: *Disco Darling* (Querida das Discotecas). Não é à toa que Luiza não se separa de seu talismã particular: uma pequena chave dourada que ela usa como brinc.

Pensando nisso a WEA alemã deu a Luiza, numa grande festa no Hof Restaurant, uma Chave de Ouro — símbolo da "Chave para o sucesso" — que ela parece levar sempre consigo.

Ao lado de Luiza, cuidando carinhosamente de sua carreira, está o produtor David Parker.

David também produziu este Lp que a WEA lança no Brasil, aproveitando a oportunidade para mostrar um dos mais dinâmicos produtos da DiscoSound

européia. As músicas são todas compostas pelo próprio Parker, algumas feitas para acompanhar o ritmo eletrizante e descontraído da Discoteque, outras com um leve balanço romântico, como *Sweet Life's Illusions*. Não se deixando, é

claro, de incluir as duas faixas do seu último compacto de sucesso, *We All love You*, *Superman* e *Back in the City*. Ora esfuizante, ora romântica, Luiza Fernandes traz tudo aquilo que seus já numerosos fãs esperavam em *SPANISH DANCER*.



FRENÉTICAS SOLTAS NA VIDA: — Nem tão "frenéticas" nem tão "soltas" as *Frenéticas* estão, apesar de tudo, bem neste LP. Falta algo, mas elas ainda sobreviverão por algum tempo! A responsável pelo Lp é a WEA e o lançamento em fim de ano é oportuno, sem dúvida.

AGOSTINHO DOS SANTOS



AGOSTINHO DOS SANTOS — vol. 4: — Encerrando com chave de ouro a série *Retrospecto*, é lançado agora o volume 4, que nos traz o saudoso Agostinho dos Santos.

Como dos lançamentos anteriores, este álbum apresenta os melhores momentos da carreira deste intérprete inimitável. Sua versatilidade e

o timbre de voz foram marcantes em sua trajetória artística, desde que começou como um humilde "calouro" na antiga Rádio América, até julho de 1973, quando sua vida foi abruptamente interrompida num acidente de avião em Paris. Lembrando seus grandes êxitos, estão neste Lp, entre outras, *Saudade de Itapoã*; *Desafinado Feito de Oração* etc. Pessoalmente lamento que a série *Retrospecto* tenha lembrado apenas de 4 nomes da nossa MPB.



DEBBY BOONE: — O mais recente álbum de Debby para a WEA é chamado, sabiamente, *Debby Boone*. Traz onze canções, selecionadas do trabalho de alguns dos maiores nomes da composição contemporânea, como *Jimmy Webb* (*The Worst Thad Could Happen*). O Lp contém, ainda, a bela *Jamiee* o tema do filme *The Promise*; *I'll Never Say Goodbye*. Produzido por *Brooke Arthur*, Debby Boone é o melhor álbum da carreira da jovem e talentosa cantora que não quis ser "a filha de Pat". A partir dela, o nome Boone será conhecido de uma outra e nova geração de admiradores.

VEICULO República CIDADE São Paulo
ESTADO São Paulo DATA 18 de 12 de 1999
COLUNISTA _____

7
94

No Rio, o poeta Patativa

HELENA SALEM, do Rio

Patativa do Assaré não fala: declama. E a todo momento vai criando, ver-se-jeando coisas novas, antigas, cheias de vida e sensibilidade. E beleza. Um velhinho pequeno, que adora sua arte, e é capaz de ficar horas falando – e fazendo – poesia. “Sou poeta popular que canta a vida do povo, a nossa vida”, diz ele.

Ontem a noite, Patativa apresentou-se com Fagner no Teatro Carlos Gomes. No Rio, foi a segunda vez que ele fez um show com o cantor. Cearense como ele (a primeira foi em março, em Fortaleza). Mas Patativa, ou Antônio Gonçalves da Silva (seu verdadeiro nome), com 70 anos, não gosta dessas coisas da cidade. Camponês desde menino, só encontra felicidade em seu pedaço de terra (sítio da serra do Santana), lá no Ceará,

que herdou de seu pai e onde trabalha com a mulher e os sete filhos, cultivando algodão, amendoim, mandioca e feijão mulatinho. Uma terra pequena, sem empregados ou arrendatários.

“Sempre fui agricultor. Nunca fiz comércio da minha poesia. Ela é o esporte da minha vida. Sinto-me muito bem em recitar meus próprios poemas.” Sua preocupação maior: o camponês, “que vem sendo sempre esquivado pelos donos do poder”. Patativa começou a fazer poesia com apenas 12 anos, quando também perdeu a vista direita, devido a uma doença conhecida como “dor d’olhos”. “Ninguém tem professor de poesia, não. A poesia nasce com a gente. Se fosse preciso de mestre, eu nunca teria sido poeta”. Ele já tem quatro livros publicados, sendo que o

último – **Cante Aqui Que Eu Canto Lá** (Vozes) – está na segunda edição, prestes a esgotar, e será traduzido para o inglês, pela editora Macmillans. Mas Patativa não escreve seus versos: “Tenho todos na memória”. Assim, seus livros são sempre ditados.

O apelido Patativa do Assaré (sua cidade natal) vem do tempo em que se dedicava as cantorias de viola: sua voz foi comparada à da ave mais cantadora do cariri (região do Assaré). A patativa. “Minha poesia é matuta, rude, mas conheço também a versificação e sou capaz de fazer sonetos, dodecasilabos”. Imediatamente, para dar um exemplo, ele declama seu soneto **Reforma Agrária**, que apresentou no último dia 2, no 15 aniversário do estatuto da terra, Quixeramobim, no Ceará: “Para saíres da fatal fadiga/ do

horrible jugo que cruel te obriga/ a padecer situação precária/ lutai altivo, corajoso e esperto/ pois só verás o teu país liberto/ se conseguires a Reforma Agrária”.

Um pequeno grande homem é o que Patativa é. Que tem apenas o segundo ano primário, “mas li muita poesia”. E que gosta de Castro Alves, “pela espontaneidade e pelo tema”. Dos modernos, admira **Vinicius de Moraes** e seu poema **Operário em Construção**. Além dos quatro livros, Patativa gravou um disco, recentemente, **Poemas e Canções**, já com bastante sucesso. Ontem, ele fez um vídeo para o programa **Fantástico**, da TV Globo e hoje, em São Paulo fará outro para o programa da Hebe Camargo. Depois, volta para o seu Ceará, de onde não consegue se afastar.

LÚCIO RANGEL

(MISSA DE 7º DIA)

✠ Alba e Guilherme Figueiredo, Albino Pinheiro, Aloisio Salles, Angenor de Oliveira (Cartola), Benedito Leite, Carmen Aurélia e Alvaro Ferraz de Abreu, Catulo de Paula, Ceres e Flávio de Aquino, César Tedim, Cibele e Aurélio de Andrade, Clio Sangiorgi, Clovis Ramalhete, Cristina Gurjão, Emilia Silveira, Fernando Pamplo-na, Fernando Sabino, Herminio Bello de Carvalho, Joan e Paulo Mendes Campos, João Condé, Joel Silveira, José Carlos Oliveira, Jota Efegê, Luis Macedo, Luis Silva Araújo, Magali e Sérgio Cabral, Maria Luiza e Octávio Thyrso de Andrade, Miriam e Carlos Otávio de Andrade, Nenem e Moacyr Werneck, Mozart Araujo, Nilton Andra-de, Os amigos do Degrau, Oteio Caçador, Paulo Werneck, Ricardo Cravo Albim, Roberto Assunção, Roberto Sardinha, Rubem Braga, Teresa Cristina Rodrigues, Tonia Carrero, Vinicius de Moraes, Yeda Miranda e Zevi Ghivelder, consternados com o falecimento de seu grande amigo LÚCIO RANGEL, convidam para a missa de 7º dia a ser celebrada amanhã, dia 20, às 10 horas, na igreja N. Sra. da Paz, em Ipanema.

O QUE FIZEMOS É POR QUE.

Concentramos todos os recursos do nosso banco de âmbito mundial em quatro áreas financeiras prioritárias: operações comerciais bancárias, serviços fiduciários, mercado de capitais e "corporate financial services". Esses tipos de negócios foram escolhidos por serem os nossos pontos fortes. Agora estamos nos dedicando a expandi-los e desenvolvê-los ainda mais, até o seu mais alto grau.

Da mesma forma decidimos concentrar nossas maiores capacidades em mercados selecionados. Assim podemos coordenar com rapidez e tornar imediatamente disponíveis as quatro linhas de serviços que oferecemos, adequadas às necessidades dos nossos clientes. Reorganizamos o Bankers Trust e redefinimos suas prioridades porque um banco, por maior que seja, não pode mais prestar todos os serviços a todos os clientes (embora seja tentador pensar de outra forma).

Se as atuais exigências de mercado sugerem a implantação de uma rede especializada de serviços bancários complementares, as pressões futuras a tornarão imprescindível.

Fomos sempre estruturados para ir de encontro às necessidades presentes dos nossos clientes. Agora estamos estruturados para ir também de encontro às suas necessidades futuras.



Bankers Trust Company

Matriz: 280 Park Avenue, New York, N. Y. 10017.

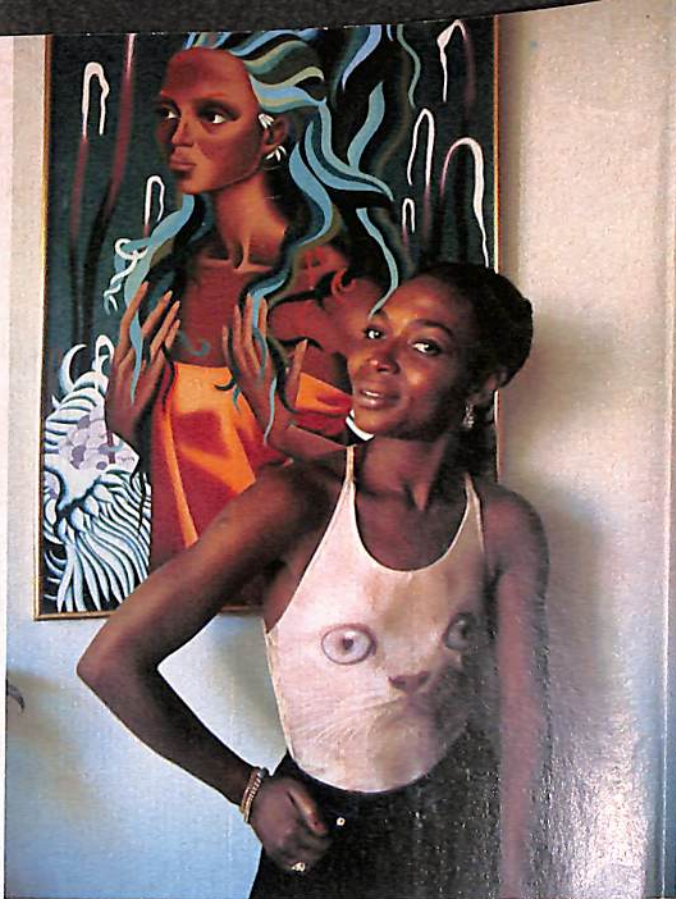
Escritórios de Representação no Brasil: PIRÂMIDE SERVIÇOS LTDA. -

Rua Libero Badaró, 377 - 12º and. - São Paulo - SP; Av. Rio Branco, 123 - 5º and. - Rio de Janeiro - RJ.

Subsidiárias Internacionais nos Estados Unidos: Chicago, Houston, Los Angeles e Miami. Sucursais intercontinentais: LONDRES, BIRMINGHAM, MILÃO, PARIS, TÓQUIO, SEUL, SINGAPURA, BAHRAIN, NASSAU e CIDADE DO PANAMÁ.

Uma rede bancária internacional com filiais, subsidiárias, associadas e escritórios de representação em mais de 30 países nos 6 continentes.

Membro da Federal Deposit Insurance Corporation © Bankers Trust Company.



Luana, a condessa: da passarela para a avenida

Gente

Ao deixar a Bahia, em 1966, a manequim **LUANA** talvez não esperasse fazer sucesso tão rápido. No ano seguinte, já desfilava nas mais importantes passarelas da Europa e, em 1977, casou-se com o conde Gilles de Noilles. Viúva desde o ano passado, continuou ligada à moda — mas, agora, organizando desfiles. Foi nessa condição que ela voltou a Salvador na semana passada, para lançar a coleção "Alta Noite", de seu amigo costureiro Maurício Nonato, numa "Festa Parisiense" em plena boate Bual Amour. Nesta quinta-feira, dia 20, a condessa retorna a Paris e também às passarelas. Mas, no final de janeiro, ela estará de volta a Salvador e depois, "de qualquer jeito", no Rio de Janeiro, onde tem um desfile mais importante e mais concorrido: "A Beija-Flor me espera para esse carnaval"

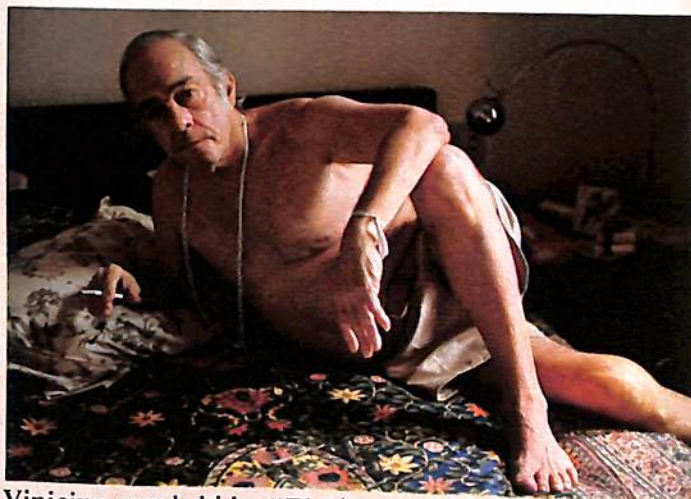
VINIcius DE MORAES está desconsolado. Logo ele, um apologista da bebida, não pode mais beber. Commetido há dois meses de uma estenia cerebral que o deixou hospitalizado por alguns dias, Vinicius agora passa por um regime de isolamento em sua casa na Gávea. "Quando a gente tem uma experiência como a que tive", explica, "tem que pensar um pouco mais." Aos 65 anos, Vinicius de Moraes, porém, faz questão de desmentir um boato espalhado por amigos de que teria deixado o álcool por haver adotado uma nova postura filosófica, mais espiritualista. "Não fui eu quem largou a bebida", defende-se o poeta, "ela é que me deixou."

Desde que chegou ao Rio de Janeiro, em novembro, a atriz **FLORINDA BULCÃO** prepara-se para o início das

filmagens de "Luzia Homem", em fevereiro. Ela está entusiasmada com o tema do filme, no qual será dirigida por Bruno Barreto: as dificuldades de uma mulher cuja família perdeu tudo o que tinha durante a seca e que ainda por cima fora educada para ser homem. Entre seus preparativos incluem-se, todas as manhãs, aulas de equitação. Na quinta-feira passada, porém, ela dispensou os cavalos e foi ao aeroporto receber sua amiga e protetora, a condessa italiana Marina Cicogna. A condessa demorou duas horas para passar pela alfândega — suas quatro malas foram revistadas —, e isso deixou Florinda muito ir-



Florinda: como homem



Vinicius, sem bebida: "Ela é que me deixou"

ritada. "Não vou mais convidar meus amigos para viverem ao Brasil", ameaçou ela, "pois sempre que eles aqui chegam são maltratados."

Embora os colonistas sociais tenham sido discretos, omitindo o nome da personalidade, o roubo das jóias de **ELISINHA GONÇALVES** foi um dos assuntos mais comentados nas rodas do soçaito carioca, na semana passada. Ela não confirma nem desmente, "até por uma questão de segurança", que seu colar de rubis indianos, avaliado em 800 000 dólares, estivesse entre as jóias que sumiram do cofre do Mayfair House Hotel, em Nova York, no início do mês. O colar e as outras jóias roubadas — no valor total superior a 1 milhão de dólares — não estavam no seguro. Elisinha contratou alguns dos melhores investigadores de Nova York para investigar o caso, em que o principal suspeito é o próprio hotel. O governo americano provavelmente dará a Elisinha alguma atenção especial, pois, acompanhando seu ex-marido, Walther Moreira Salles, ela foi embaixatriz em Washington.

A partir de janeiro, a atriz **DENISE DUMMONT** 24 anos, vai trocar a ingênua "Andrea" da novela "Marron Glacé" por algu-



Denise: sem baú

mas das encarnações de "Pompeu Louredo", peça em que fará até o papel de um cardeal. Enquanto ensaia, administra a herança deixada por seu pai, o compositor Humberto Teixeira, o que a levará até Nova York, onde vive sua mãe, para receber sua parte nos direitos autorais de "Asa Branca". Já de posse de uma casa que lhe coube no espólio, Denise nega que seja "o maior baú da televisão". "Sou uma mulher só", diz ela, "com um filho de 3 anos, vivendo no maior sufoco."

SÉRGIO PEIXE, de 22 anos, filho de "Sérgio Macaco", apelido na Aeronáutica do capitão Sérgio Miranda de Carvalho — cassado em 1968 por se opor à utilização do Para-Sar na repressão política —, começa a conquistar sua própria fama. Ele foi o vencedor do primeiro torneio carioca de surfe de joelhos, variação do surfe tradicional em que o atleta "pega" as ondas ajoelhado sobre a prancha. Agora, Sérgio Peixe e seus colegas de esporte pretendem organizar o primeiro campeonato nacional do gênero, para o qual ele é o maior favorito. "O surfe de joelhos já me rendeu muita gozação", diz, "mas seu visual é muito mais bonito que o de pé."

FERNANDO PIMENTEL



Jaclyn: a última pantera

O seriado de TV "As Panteras" já perdeu duas de suas atrizes originais, Kate Jackson e Farrah Fawcett, que partiram para filmes mais ambiciosos. Agora, é a vez da meiga Jaclyn Smith ser substituída por uma nova pantera no seriado. Só que, ao contrário das duas que saíram antes, Jaclyn não vai continuar no cinema, embora tenha tudo para isso. Acontece que ela, segundo diz, está cansada "de bancar a garotinha bonita e meio maluca do seriado". Além disso, Jaclyn quer ter um filho e viver bem com o marido Dennis Cole — coisas que a profissão vinha atrapalhando até agora. A vida doméstica, porém, lhe custará caro, pois ela ganha o equivalente a 1,7 milhão de cruzeiros por episódio.



Sérgio Peixe: de joelhos, "o v

filmagens de "Luzia Homem", em fevereiro. Ela está entusiasmada com o tema do filme, no qual será dirigida por Bruno Barreto: as dificuldades de uma mulher cuja família perdeu tudo o que tinha durante a seca e que ainda por cima fora educada para ser homem. Entre seus preparativos incluem-se, todas as manhãs, aulas de equitação. Na quinta-feira passada, porém, ela dispensou os cavalos e foi ao aeroporto receber sua amiga e protetora, a condessa italiana Marina Cicogna. A condessa demorou duas horas para passar pela alfândega — suas quatro malas foram revistadas —, e isso deixou Florinda muito ir-

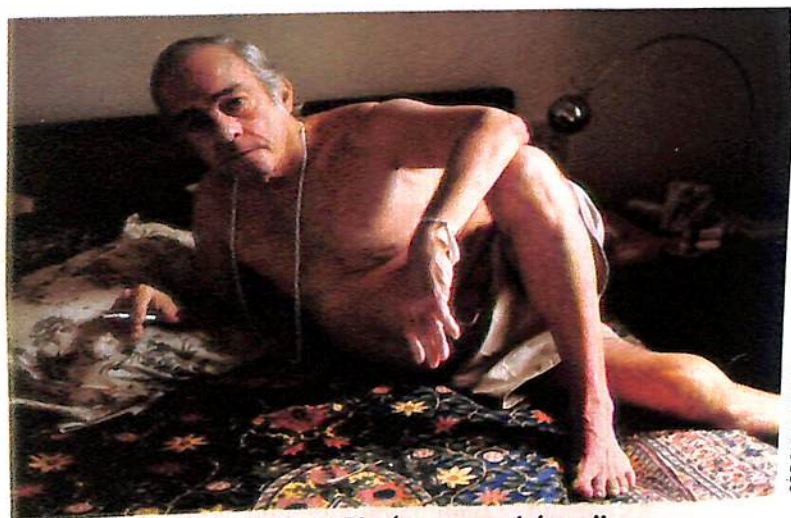
ritada. "Não vou mais convidar meus amigos para virem ao Brasil", ameaçou ela, "pois sempre que eles aqui chegam são maltratados."

Embora os colunistas sociais tenham sido discretos, omitindo o nome da personagem, o roubo das jóias de **ELISINHA GONÇALVES** foi um dos assuntos mais comentados nas rodas do soçaito carioca, na semana passada. Ela não confirma nem desmente, "até por uma questão de segurança", que seu colar de rubis indianos, avaliado em 800 000 dólares, estivesse entre as jóias que sumiram do cofre do Mayfair House Hotel, em Nova York, no início do mês. O colar e as outras jóias roubadas — no valor total superior a 1 milhão de dólares — não estavam no seguro. Elisinha contratou alguns dos melhores investigadores de Nova York para investigar o caso, em que o principal suspeito é o próprio hotel. O governo americano provavelmente dará a Elisinha alguma atenção especial, pois, acompanhando seu ex-marido, Walther Moreira Salles, ela foi embaixatriz em Washington.

A partir de janeiro, a atriz **DENISE DUMMONT** 24 anos, vai trocar a ingênua "Andrea" da novela "Marron Glacê" por algu-



Florinda: como homem



Vinicius, sem bebida: "Ela é que me deixou"

VEJA, 19 DE DEZEMBRO, 1979



Denise: sem baú

mas das encarnações de "Pompeu Louredo", peça em que fará até o papel de um cardeal. Enquanto ensaia, administra a herança deixada por seu pai, o compositor Humberto Teixeira, o que a levará até Nova York, onde vive sua mãe, para receber sua parte nos direitos autorais de "Asa Branca". Já de posse de uma casa que lhe coube no espólio, Denise nega que seja "o maior baú da televisão". "Sou uma mulher só", diz ela, "com um filho de 3 anos, vivendo no maior sufoco."

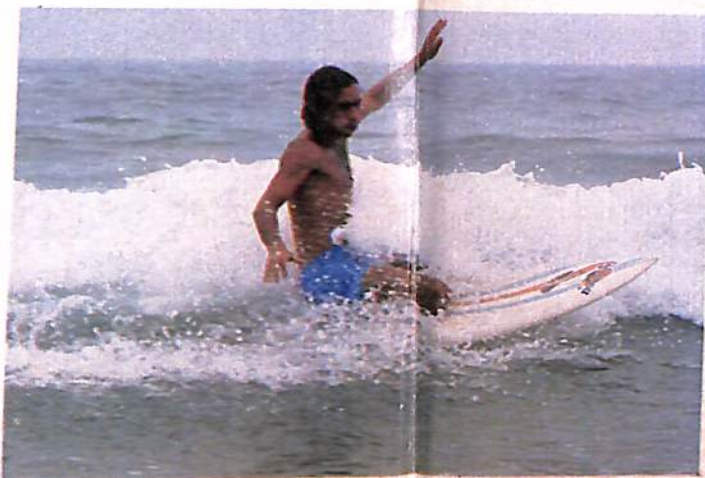
SÉRGIO PEIXE, de 22 anos, filho de "Sérgio Macaco", apelido na Aeronáutica, do capitão Sérgio Miranda de Carvalho — cassado em 1968 por se opor à utilização do Para-Sar na repressão política —, começa a conquistar sua própria fama. Ele foi o vencedor do primeiro torneio carioca de surfe de joelhos, variação do surfe tradicional em que o atleta "pega" as ondas ajoelhado sobre a prancha. Agora, Sérgio Peixe e seus colegas de esporte pretendem organizar o primeiro campeonato nacional do gênero, para o qual ele é o maior favorito. "O surfe de joelhos já me rendeu muita gozação", diz, "mas seu visual é muito mais bonito que o de pé."

VEJA, 19 DE DEZEMBRO, 1979



Jaclyn: a última pantera

O seriado de TV "As Panteras" já perdeu duas de suas atrizes originais, Kate Jackson e Farrah Fawcett, que partiram para filmes mais ambiciosos. Agora, é a vez da meiga Jaclyn Smith ser substituída por uma nova pantera no seriado. Só que, ao contrário das duas que saíram antes, Jaclyn não vai continuar no cinema, embora tenha tudo para isso. Acontece que ela, segundo diz, está cansada "de bancar a garotinha bonita e meio maluca do seriado". Além disso, Jaclyn quer ter um filho e viver bem com o marido Dennis Cole — coisas que a profissão vinha atrapalhando até agora. A vida doméstica, porém, lhe custará caro, pois ela ganha o equivalente a 1,7 milhão de cruzeiros por episódio.



Sérgio Peixe: de joelhos, "o visual mais bonito"

O ex-técnico da seleção brasileira e comentarista de futebol **JOÃO SALDANHA** aproveitou os "tempos de abertura" para dar sua versão, na quarta-feira passada, para a não-escalação do centroavante mineiro Dario em 1970. Preferido do à época presidente Medici, Dario não entrou na relação das "feras" de Saldanha porque, como explicou o ex-técnico na TV Iguazu, de Curitiba, "eu não escalei o Ministério de Medici e não ia permitir que ele escalasse meu time". O fato teria precipitado a demissão do técnico. Mais tarde, Medici teria ficado ainda mais irritado quando soube de declarações de Saldanha a jornais



Saldanha: contra Medici

do exterior falando sobre presos políticos no Brasil. "Se o Brasil tivesse perdido a Copa", supõe agora Saldanha, "difícilmente eu conseguiria voltar para cá."

Para voltar ao palco no Palais des Sports, em Paris, **RUDOLF NUREIEV** convocou as estrelas e o elenco do Ópera de Paris e criou um espetáculo onde era o autor, o diretor, o coreógrafo e ainda pensava ter o papel principal. A partir de uma idéia de seu amigo Rostropovich, transformou o poema dramático "Manfredo", de lord Byron, com música de Tchaikovski, numa versão pessoal que fala da amizade de Byron pelo poeta



Nureiev: fora da estréia

Shelley e sua paixão pela irmã deste poeta. Com problemas nos tendões, Nureiev foi substituído na estréia, duas semanas atrás, por Jean Guizerix, *étoile* do Ópera de Paris, que a crítica descobriu dançando "Ivã, o Terrível" no ano passado. A irmã de Shelley no palco ainda é Wilfride Piollet, mulher de Jean na vida real. A crítica já falou bem do casal, antes que Rudy pudesse voltar ao palco, esta semana, agora para dividir com Jean, em noites alternadas, o papel de Manfredo.

SÉRGIO SBRAGIA

19 / 12 / 79

MÚSICA

SERGIO CABRAL

Um samba-enredo para o mestre Lúcio Rangel

Ao contrário do que foi amplamente anunciado, Lúcio Rangel não lançou Cartola, Nelson Cavaquinho, Zé Kéti, Clementina de Jesus, Elis Regina ou Edu Lobo. Sua participação na área da criação de música popular limitou-se a sugerir a Vinicius de Moraes que fizesse dupla com Tom Jobim. Uma aproximação, por sinal, que mudou os rumos da nossa música popular.

Lúcio Rangel não lançou ninguém, mas não foi preciso. Ele foi grande — muito maior do que qualquer um de nós pode imaginar — escrevendo, ensinando e amando a nossa música popular. Ou por ter sido uma pessoa limpa, inteligente, interessante, boêmia e extremamente carioca. E deixou muitos órfãos, entre os quais o locutor que vos fala. São antigas as relações entre intelectuais e a música popular brasileira. Principalmente no estudo do folclore e das manifestações mais populares. Mas a nossa música de nível urbano encontrou em Lúcio um desbravador, um pioneiro no melhor sentido da palavra. Alguns podem lembrar do nome de Mário de Andrade, que andou escrevendo coisas definitivas sobre música popular urbana, mas quase tudo o que sabia sobre o assunto lhe foi ensinado pelo próprio Lúcio Rangel. Graças a ele, a chamada crítica de música popular ganhou o *status* atual, que, se não é dos melhores, é, pelo menos, bem superior ao do período anterior à sua entrada em cena. Uma das suas lições era a de que o exercício da crítica de música popular não poderia ser limitada a uma simples opinião, na base do gostei ou não gostei. Ler os comentários de Lúcio Rangel era quase uma obrigação para o consumidor de discos, pois Lúcio fazia uma espécie de corte anatômico de todos os elementos que constituíam a gravação. O leitor ficava sabendo as razões pelas quais os autores das músicas compunham daquela maneira e quem

eram os cantores e os músicos. Sua memória prodigiosa permitia inclusive corrigir os erros que os intérpretes cometiam na letra ou na melodia. Lúcio, aliás, era muito musical.

— Um dos caras mais musicais que conheço — me disse, uma vez, João Gilberto, que me revelou, por sinal, a opinião que o crítico tinha dele:

— João, você é ótimo. O que o estraga é a bossa-nova.

Era uma tirada típica de Lúcio Rangel. Ele não tinha a falsa seriedade dos críticos. Quando amava, amava mesmo. Para ele, Elizeth Cardoso e Cartola eram “divinos” — e, desde então, a palavra *divino* nunca mais deixou de aparecer ao lado desses dois nomes. Sua vivência na música popular não era resultado de uma postura intelectual, mas consequência de uma grande identificação. Lembro-me de um show que fiz com Oduvaldo Viana Filho e Teresa Aragão, chamado “Telecoteco Opus Número Um”, com a participação de Ciro Monteiro e Dilermando Pinheiro, no Teatro Opinião. Em quase todas as apresentações Lúcio estava lá e intrometia-se sempre no show:

— Deixa o breque para mim — e dava o breque que um dos dois deveria dar, recebendo, em seguida, os aplausos do público.

Era desses que conheciam mais as músicas do que os seus próprios autores. Cartola, por exemplo, não lembrava do final do samba “Foi um sonho”. E Lúcio socorreu: “Se tu soubesses, amor, quanto te amei/acordei, não te vi, chorei”. E adorava fazer shows em mesa de bar, cantando ou tocando o seu imaginário e famoso trombone de vara. Seus duetos vocais com Antônio Carlos Jobim são inesquecíveis.

Lúcio Rangel merece ser enredo de escola de samba. Para facilitar a vida dos compositores das escolas, seu nome rima com o de Noel.

JOÃO GILBERTO

“Não vou embora sem cantar no Brasil”

“Não! Eu jamais iria embora sem cantar para o Brasil! Por Deus! Não poderia fazer isso com o povo do meu país!” E esta a promessa de João Gilberto, um mês depois da frustrada tentativa de apresentar-se no Rio. E, se por um lado fica difícil acreditar, por outro é desesperadamente impossível desacreditar, tal a sinceridade e a alegria com que ele promete.

METIDO numa camisa azul claro de colarinho duro, escondida por um blazer marinho impecável, mais para funcionário público que mito internacional, ele surge no hall do hotel de Copacabana onde está hospedado. Suando muito como se estranhasse o clima, os cabelos rareando e um tanto envelhecido para os 48 anos declarados, João ainda está desapontado por ter desistido da temporada no Canecão. Afinal, são 19 anos desde sua última apresentação no Rio, acontecida num show chamado *Encontro*, ao lado de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, no Au Bon Gourmet. E por que ele não se apresentou, já que dias antes da estréia, quando da minicoletiva à imprensa, ele confessara a intensa emoção daquele encontro, a vontade de rever o velho público amigo e fiel, e conhecer o mistério envolvente da ansiosa aproximação com toda uma nova geração brasileira e desconhecida para ele. Ele responde que tal encontro não foi possível ainda por pura falta de qualidade técnica no som, uma condição da qual ele se nega renunciar. E, pela primeira vez, explica seus motivos:

“Durante 15 dias eu ensaiei e durante esse tempo eu fiz as mesmas reclamações. Eu não me ouvia porque não havia retorno de som para mim. Eu pedia, e eles diziam que no dia seguinte tudo estaria correto. No dia seguinte, nada! Eu acreditava, sonhava mesmo... até que, na véspera da estréia, eles disseram que era melhor eu me apresentar sozinho. Não aceitei! Nem podia! Eu queria estar ali com a orquestra, a luz, encontrar todos, um negócio assim grande! Pensei que seria bonito. Mas não dava! O maestro regia olhando para minha mão porque também ele não me ouvia. Aliás, ninguém se ouvia! Se música é som, meu Deus, o que eu ia fazer ali? Não! Não é assim. Música não é barulho! E a minha música é feita de detalhes, sutilezas, filigranas! Ai, pensei que não era justo fazer aquilo comigo nem com outros. Sabe, não posso mentir. Tudo parecia uma enorme brincadeira... Será que o povo aceita isso?”

João Gilberto se confessa triste. Afirma que estava animado para a tal temporada, empenhado no trabalho, todo dia ensaiando debaixo de um calor psíquico que já nem o incomodava: “Estou, sim, triste e desapontado! Poxa... fazer isso com o povo do



“Música não é barulho. E minha música é feita de detalhes, sutilezas”

Do casamento de João Gilberto com Miúcha nasceu Isabel, hoje com 13 anos de idade.



Brasil? Talvez eu tenha sonhado demais. Fui avisado por amigos que naquela casa não há qualidade para música. Mas eu queria. Apesar de tudo que dizem de mim, eu não sou de desistir no meio. Eu sou de lutar!”

Dono de uma voz e um ritmo considerado privilegiados, inovador da música popular, pioneiro da bossa-nova — que ele faz questão de chamar de samba “tudo é samba e samba é a estrutura musical primária” — João Gilberto não faz concessões. Nem ao sistema nem à música. Talvez seja até uma luta meio inglória, sempre mal compreendida pela maior parte dos que o cercam, surpresos com sua teimosa preocupação com qualidade e técnica do que faz. Mas garante que não é um perfeccionista: “Sou apenas uma pessoa que procura a coisa mais bonita, o som mais integrado, a divisão correta. Ainda acredito que a música que tem interesse é a música bem-feita. E é por esta que eu luto!”

Conta que veio ao Brasil especialmente para aquela temporada. Para isso cancelou algumas apresentações na Europa, marcadas para setembro e outubro, largou um disco pelo meio e veio com vontade de ficar. Mas fica só até depois do carnaval:

“Tenho que acabar o disco. Por isso volto. O que eu queria mesmo era

ficar por aqui. Não é recente esta idéia. Vivo cheio de saudade e de vontade. Agora talvez já seja possível vir embora. Lá, fazia o que era para fazer — uma divulgação da nossa música. Sonhava voltar, o que seria um luxo para mim! Não é pretensão, não! Seria uma falta de patriotismo. Hoje, a música já não é mais nova e é infinito o espaço dela...”

Diz que a música brasileira nos Estados Unidos foi e voltou. Quando voltou, parece que reconheceram mais... os músicos, o povo, até no Japão:

“E não sei como aqui não sabem! Parece uma modéstia do Brasil! É... vocês não sabem muito da música lá como eu não sei muito de mim aqui. É assim. Agora está tudo definido. Eu não podia vir antes!”

Ele só canta as músicas que gosta

JOÃO Gilberto saiu do Brasil em 62 a convite dos americanos e a conselho de Jorge Amado, por tantos anos e num exílio voluntário através do México e Nova Iorque principalmente. Atualmente está solteiro. Mas foi casado duas vezes. A primeira com Astrud, com quem tem um filho de 18 anos — João Marcelo. A segunda com Miúcha, de cuja relação nasceu Isabel, hoje com 13 anos. Com oito ou nove LPs — ele não sabe dizer ao certo — o último ainda é *Amoroso*, gravado em 77. João confirma que seus discos nunca saem de catálogo e diz que canta a música que gosta:

“As vezes não sei nem o autor, o nome, nada. Começo a trabalhar e depois é que a gravadora vê isso para mim”.

Ainda faltam 10 músicas para completar o disco que começara nos Estados Unidos. Mas garante que isso pode ser feito em apenas um dia. No Rio, ele quase não sai. Gosta de passear na Barra da Tijuca, ver os túneis, ele mesmo dirigindo. Está fisicamente diferente, mais gordo talvez, mais emocionado e sensível. Risonho muitas vezes e lacônico sempre, como se as palavras fossem penosas ou inúteis. Ao telefone, no entanto, fica mais solto, descontraído, defesas de lado. É capaz de tocar violão, cantar e conversar horas seguidas com a repórter. E foi, dias depois, ao telefone, que ele avisou que não vai embora sem cantar. Não quis dizer exatamente onde e quando vai se apresentar. Parece preferir acertar tudo direitinho antes e evitar assim nova decepção. Mas garante que uma série de apresentações estão em seu roteiro: temporadas na Argentina e no Chile, apresentações no Rio (Teatro João Caetano, quem sabe?), São Paulo e Rio Grande do Sul, uma terra onde já morou e pela qual não esconde intensa paixão.

Reportagem de Lúcia Leme

LANÇAMENTO



Participante, mas sem aspas

OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO E OUTROS POEMAS, de Vinicius de Moraes; Nova Fronteira; 112 páginas; cr\$ 120,00.

Para quem (ainda) pensa que Vinicius de Moraes é apenas aquele cantor que aparece de vez em quando na televisão, ou o músico sensível e reconhecido, esta reedição (com uma nova escolha, por Sérgio Buarque de Holanda) vale como lembrança: Vinicius é um poeta lírico e (poucos poemas como o do título) "participante", embora no seu caso as aspas possam cair tranquilamente. Pensando bem, até a palavra participante sobra: Vinicius é um poeta e ponto. (FMC)

O melhor de Lúcio Cardoso

CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA, de Lúcio Cardoso; Nova Fronteira; 526 páginas; Cr\$ 260,00

Este é o mais vigoroso dos livros de Lúcio Cardoso, e com o qual a Nova Fronteira começa a reeditar sua obra. Denso, nebuloso, recriando um pequeno e fechado (dostoievskiiano) universo, "Crônica" é uma leitura enriquecedora. Esta reedição chega em boa hora: para aqueles que se esqueceram de comprar um presente de Natal, eis uma boa indicação. (F.M.C.)

Poesia: registro histórico

POESIA 1949-1979, de Augusto de Campos; Duas Cidades; 253 páginas; Cr\$ 675,00.

Aí vem polêmica nos meios poéticos: um dos três mosqueteiros do Concretismo publica suas poesias completas. Poesias? Alguns dirão que não: meros exercícios gráficos. Outros irão discordar: vejam os poemas em que Augusto de Campos — hélas! — se utiliza das palavras. Contra ou a favor, desonesto seria desconhecer a agitação que eles fizeram e continuam fazendo. Às vezes equivocadamente, às vezes com a maior seriedade e criatividade. Confirmam. (FMC)

Regionalista, no bom sentido

OS BRABOS, de Cyro de Mattos; Civilização Brasileira; 106 páginas; Cr\$ 50,00

O baiano Cyro de Mattos, de Itabuna — onde vive, depois de uma breve passagem pelo Rio —, lança seu terceiro livro, desta vez com o beneplácito de um prêmio nacional, o da Academia Brasileira de Letras. (Ou deveríamos dizer, apesar deste prêmio...) Filiando-se a literatura regionalista, o autor, principalmente neste seu terceiro livro — e principalmente, diríamos na novela-título —, consegue ir além da proposta (hoje) mecanicista e "fotográfica" do regionalismo, esse tipo de narrativa que foi devidamente colocado de cabeça para baixo por Guimarães Rosa, como se sabe.

Os jurados, ao premiá-lo, destacaram o lado "brasilierrissimo" de sua narrativa. (Não fosse quatro deles igualmente regionalistas...) Embora suspeita seja essa expressão — quer ela sugerir que outro tipo de literatura, como a urbana de Rubem Fonseca e Trevisan, ou a "metafísica" de Clarice Lispector e Samuel Rawet não seriam brasileiras? —, podemos situar Cyro de Mattos dentro de uma linha de renovação, por sua vez, no interior do processo de criação de e com a linguagem — no caso, regional. Como Luandino Vieira (No Antigamente, na Vida) faz relação a literatura angolana. E a comparação não é gratuita: como Luandino, Cyro consegue aqui excelentes efeitos estéticos (sonoros) recitando a linguagem local. A novela Os Brabos, por exemplo, é quase uma obra-prima. As outras narrativas compõem bem o livro, com excessão de Somente ele Escutou a Fúria do Mar, um pouco abaixo das outras, sem comprometer, no entanto. (F.M.C.)

Os Cavalinhos 20 anos depois

OS CAVALINHOS DE PLATILANTO, de José J. Veiga; Civilização Brasileira; 136 páginas; Cr\$ 100,00.

Curioso destino, o deste primeiro livro do grande escritor goiano. Lançado em 1959, por uma editora pequena, ele mal chegou a ser distribuído a meia dúzia de críticos; o grosso da edição ficou esquecido num depósito. Mas os poucos volumes que circularam foram suficientes para que Veiga fosse incluído entre os melhores do moderno conto brasileiro. Apesar disso, o livro só foi reeditado muitos anos mais tarde, por outra editora miúda. E de repente pegou: puxando os livros posteriores de José J. Veiga, entra agora na 11ª edição. (DD)

Hoje tem Roberto Carlos

Durante uma quarta-feira, no início do mês de novembro, andando pelo palco do Teatro Globo-Rio, Roberto Carlos não escondia uma ponta de nervosismo, enquanto esperava o começo das gravações do seu sexto **Especial** para a Rede Globo, que irá ao ar hoje a partir das 21 horas. Para quebrar um pouco a tensão, brincava com Renato Aragão — vestido com roupas e peruca, procurando imitar o cantor — e ensaiava algumas piadas que faria com Salomé, a senhora gaúcha criada por Chico Anísio. As gravações de **Roberto Carlos Especial** começaram dia 12, com alguns **takes** realizados nos estúdios da emissora, onde conversava com integrantes dos elencos de novelas, **shows** e séries, e o pessoal de jornalismo, além da realização de uma externa, no alto da Pedra da Gávea, para a abertura do programa.

NERVOSO

— Eu sempre fico um pouco nervoso antes de cada **show** — explica Roberto Carlos —, principalmente, quando se trata de fazer coisas diferentes das que estou habituado, como foi o caso do número do palhaço no **show** do Canecão, no Rio, no final do ano passado. Mas, depois, quando a coisa começa, já me sinto em casa.

A voz de Augusto Cesar Vannucci, diretor do Sistema Globo de Shows e do programa, é ouvida, através dos alto-falantes, em todas as dependências do Teatro Globo-Rio, convocando para as gravações. Microfones ajustados, iluminação pronta, a sonoplastia solta (o play-back de **Café da Manhã** — um dos sucessos do LP do cantor lançado no final de 1978), mas, quando eles começam a cantar, surge uma surpresa. A letra, agora com o título **A Mamãe da Mamãe**, está completamente modificada. É uma paródia escrita por Marcos Cesar, um dos redatores do programa ao lado de Ronaldo Boscoli e Eloy Santos, e todos são obrigados a fazer muita força para evitar as gargalhadas, principalmente com os "cacos" e gestos que os Trapalhões vão criando durante a apresentação.

O clima de bom humor é mantido durante todo o trabalho, mesmo com as constantes interrupções, necessárias a uma boa gravação e para mudanças de cenários. Indo do agitado e complicado planejador, o Dr. Sardinha, criado por Jô Soares, até a velha amiga e conselheira do Presidente da República, a gaúcha Salomé; passando pelo confuso Professor de Mitologia, de Agildo Ribeiro, inclusive fazendo o papel do mordomo da campanha, Roberto Carlos tenta achar uma solução para a difícil situação em que se encontra o músico brasileiro.

FASE ALEGRE

— Roberto Carlos está numa fase muito alegre, muito feliz — explica Ronaldo Boscoli. Também conseguiu um domínio de palco incrível, uma grande facilidade para decorar textos, o que agiliza um trabalho como este. Tanto que aceitou a idéia de fazer estes esquetes, assim como um pequeno quadro, ao lado de Christiane Tofloni, sobre os problemas de um casal. Não houve a preocupação de mostrar Roberto Carlos como ator, mas apenas fazer uma coisa diferente, sem maiores compromissos.

— Podemos dizer que tudo foi um pequeno teste — segue Augusto César Vannucci. Assim como não houve intenção de mostrar a vida de Roberto Carlos no quadro. Ela é muito mais rica, mas cheia de angústias do que é apresentado na cena.

Depois da tensão do primeiro dia de trabalho nos estúdios todos ficam mais à vontade, e Roberto conversa animadamente com Paulo Gracindo, Vera Fischer, Diná Sfat, Francisco Cuoco e Maria Bethânia. Comentam alguns dos trechos dos poemas de Vinicius de Moraes e Manoel Bandeira — **Mulher Que Passa**, **Soneto do Amor Total**, **Nu**, **Ternura**, **Soneto do Amor Maior** e **Cartas de Amor** — que serão apresentados, enquanto a orquestra se prepara. Roberto vai para um canto, chama Ronaldo Boscoli para os últimos retoques no texto que dirá, apresentando os poemas, e as músicas que cantará no bloco.

— Uma coisa muito importante, que procuro fazer não só nos programas que escrevo para Roberto Carlos na televisão, como nos **show** — diz Boscoli — é conversar muito com ele e colocar no papel apenas o que ele está pensando. Procuro tirar tudo meu, deixando apenas as idéias do Roberto.

MOMENTOS IMPORTANTES

A direção do programa anuncia um pequeno intervalo, para as mudanças de cenários, e logo em seguida, começa a segunda parte das gravações do dia. Agora, apenas números musicais, os primeiros que ele grava para o programa em estúdio, com músicas de seu novo disco. Ele já havia cantado **Força Estranha** — outro sucesso do seu LP do ano passado — para a abertura, durante uma externa realizada na Pedra da Gávea. Começa a gravação. Cercado pelos músicos da orquestra, pela primeira vez ele canta ao lado de Maria Bethânia — a música **Desabafo** — e sozinho, um

medley, com alguns de seus maiores sucessos.

Um camarim, montado no palco do teatro, serviu de cenário para o terceiro dia de gravação. Diante do espelho, enquanto se prepara para entrar em cena, recorda alguns dos momentos mais importantes de sua vida e trechos dos **Especiais** que gravou para a Rede Globo. Com Segundinho, seu filho, lembra um número gravado para o terceiro **Roberto Carlos Especial** — **Calhambeque** — e o encerramento do **show** do ano passado, que marcou o lançamento do Ano Internacional da Criança. O início da carreira, num circo do interior, cantando pela metade do que havia pedido, as primeiras tentativas no Rio de Janeiro, imitando João Gilberto e cantando Bossa Nova, também estão no quadro, assim como recordações de sua terra natal, Cachoeiro do Itapemirim, e da primeira professora, Irmã Cecília, do Colégio Jesus Cristo.

FASCINAÇÃO

Fascinação foi uma das músicas que mais marcou a juventude de Roberto Carlos, e ela estará neste quadro, através de uma gravação, realizada no ano passado, durante uma seresta com grandes ídolos da Música Popular Brasileira, para o programa do Ano Internacional da Criança. Outro trecho tirado de um programa passado será a homenagem prestada em 1977 a Erasmo Carlos, seu amigo e parceiro, desde o final da década de 50, quando formaram o conjunto The Snacks, aproveitando o nome de um bar em Copacabana, onde se reunia a juventude da época.

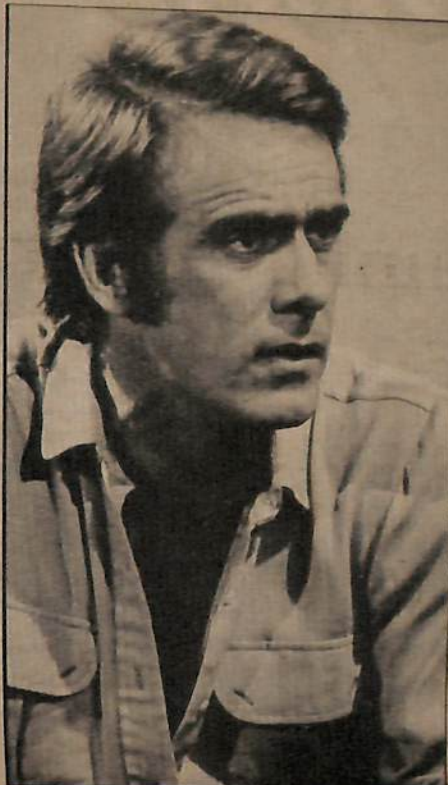
— O encerramento deste bloco será a apresentação de **Meu Querido, Meu Velho, Meu Amigo**, música que Roberto Carlos fez para seu pai — diz Augusto Cesar Vannucci. Nossa intenção era apresentá-lo numa conversa com o filho e o neto, mas, infelizmente, ele sofreu um acidente dias antes da gravação e tivemos de fazer uma entrevista com seu Robertino Braga, muito rápida, no hospital. Esta será a primeira vez que ele aparece num programa de televisão.

— Este quadro é muito importante para mim. Eu também me sinto incluído nestes 15 anos de Rede Globo — diz Roberto Carlos. São muitas lembranças, fatos gravados aqui na cuca, coisas maravilhosas, como cantar ao lado de Orlando Silva e a Velha Guarda, a surpresa de ver meus filhos no encerramento do **show** do ano passado, coisas que jamais se repetirão. Gosto de voltar aos meus amigos, às coisas que amo.

21 / 12 / 79

Jornal da TV

ELI HALFOUN



Chico (ou Cuoco) vai mesmo se separar de Paloma

“Os Gigantes”: fim em janeiro

Confirmando notícia que divulguei de primeira, **Os Gigantes** teve mesmo o seu final antecipado para janeiro, estando marcada para o dia 4 de fevereiro a estréia de **Vento Norte**, título provisório da novela de Gilberto Braga que ocupará o horário. As gravações dos capítulos finais de **Os Gigantes** estão sendo realizadas em ritmo de urgência e nos bastidores da novela continua sendo dada como certa a separação de Paloma e Chico e sua união com Fernando, de quem terá o seu tão sonhado filho. A morte de Paloma, por suicídio, também é garantida para o final da novela. Para antecipar o final de **Os Gigantes** a Globo informou ao autor Lauro César Muniz que a decisão teria sido tomada para não prejudicar a cobertura do carnaval, mas a confirmação da estréia de **Vento Norte** para o início de fevereiro mostra que a desculpa não é das mais convincentes.



O verdadeiro filho de Ingrid é o Fran

COM um total de 218 capítulos e uma média de audiência de 15,0 pontos no próximo dia 29 a novela **Cara a Cara**, de Vicente Sesso, primeira experiência da Rede Bandeirantes no gênero. Ao contrário do que acontece geralmente nas histórias das 19 horas, **Cara a Cara** não terá um final conclusivo: Ingrid (Fernanda Montenegro) não consegue descobrir quem é realmente o seu filho e acaba aceitando Tonho e Fran como filhos, embora tenha a certeza de que Fran é o verdadeiro. Ela adota mais dois filhos e assim volta para a Europa, de onde viera apenas atrás dessa resposta. Ingrid vai para a Europa e Fernanda Montenegro vem para o Rio iniciar no Teatro João Caetano mais uma temporada da peça **E**, que completa quatro anos de sucesso.



Aérton Perlingeiro marcou para o final deste mês sua nova viagem à Europa. Ele vai passar uns dias em Portugal, tratando de negócios, e depois dá uma esticada em outros países. Apesar de ocupado com a viagem, Aérton não descuidou do **AP-Show** e para este sábado tem confirmadas, no **Almoço com as Estrelas**, as presenças de Djenane Machado, que receberá o troféu **Gente que É Notícia**, Esmeralda Barros, Vanda Stefânia e Concessa Colaço. O **Bar de Melodias** promete ser também uma boa atração com as participações de, entre outros, Ângela Ro Ro, Sílvio Brito, João Nogueira e Dicró.



● Beth Mendes (foto), que está afastada da televisão há mais de um ano, é a mais nova contratada da Rede Bandeirantes e vai integrar o elenco de **Pé-de-Vento**, a **Corrida da Vida**. O contrato de Beth foi acertado na tarde de ontem e já na próxima semana inicia as gravações da substituta de **Cara a Cara**. Ao mesmo tempo em que contratava Beth Mendes, a direção da Bandeirantes dispensava Helô Pinheiro, a **Garota de Ipanema** (inspiradora de **Tom e Vinícius** na canção que correu mundo), que estreou como atriz em **Cara a Cara**. A dispensa de Helô não é muito bem-explicada nos bastidores da Bandeirantes, em São Paulo.



Carlos Eduardo Dolabella é mais um nome confirmado para ter participação fixa em **“O Bem Amado”**, que será transformado em seriado a partir do ano que vem. Mas isso não impedirá que Dolabella faça, como está previsto, uma pequena participação em **“Vento Norte”**, a próxima novela das 20 horas. Somente depois que gravar a sua participação na novela é que Dolabella começará a gravar os episódios de **“O Bem Amado”**.



O ano novo pode começar com muitas modificações nas direções das emissoras de televisão: em São Paulo já se dá como certa, desde a manhã da última quarta-feira, a queda de Guga (foto) da superintendência de Produção e Programação da Rede Bandeirantes. Guga, garante-se, terá caído na madrugada de terça-feira, depois de uma reunião com a direção do grupo Saad. Os motivos da saída de Guga não são ainda explicados oficialmente.

Nos bastidores da Tupi já se dá como certa a queda de Walter Avancini, também da superintendência de Produção e Programação. A notícia da saída de Avancini da Tupi também não é, por enquanto, confirmada oficialmente.





NELSON MOTTA

A 'Mulher' que sempre volta

"Não sei que estranha magia / teu corpo irradia / que me deixa louco assim, mulher..."

A música — originalmente um fox-trot — que na época recebia as mesmas, exatamente as mesmas, críticas de "influência americana" e todo o (e ainda vigente) blá-blá-blá xencfobo, que cria — para cada preconceito rompido e incorporado pelo público — novos preconceitos e limitações.

"Mulher", as pessoas dançando abraçadas, livres em seus movimentos, dispensadas de passos, coreografias e espetáculo, apenas abraçadas ao som de um clássico da música de emoção produzida no Brasil.

Como qualquer ouvido nem digo atento, mas normal, médio, perceberá, trata-se de uma melodia claramente antecipativa da revolução harmônica e melódica deflagrada pela bossa nova, mais de 20 anos depois de Orlando Silva ter gravado "Mulher". Simplesmente "Mulher", atrevida criação que comprou a barra de saudar algo tão

saudado — e tão bem saudado — como a mulher. A amada, é claro.

Confesso que fiquei espantado ao ver Dudu França — que conhecia apenas cantando discotequices sem maiores compromissos ou emoções — cantando "Mulher". Seguro, emocionado, dando forma pessoal e criativa, apaixonada, aos momentos em que a música pede exatamente isso. E Dudu faz, exibindo precisão e dotes vocais sequer imaginados.

Essa música, que seria até ofensivo chamar de "um clássico", tal a carga de inquietação criativa e antecipação que contém, volta agora. Como havia voltado em 68, no Lp de Nara Leão, em antológico arranjo de Rogério Duprat.

De novo e sempre, para ouvidos e corações gerais, a sempre "Mulher", uma obra-prima da canção popular brasileira. Com uma nova orquestra e um novo cantor, a permanência da beleza, cantada por quem vive o seu tempo mas sabe que em arte o tempo e o espaço são categorias secundárias.

'Rei da vela' nas telas, os sonhos de uma geração

Que o "Rei da vela" foi a mais importante montagem teatral do final dos anos 60 ninguém discute, sendo mesmo hoje considerado um marco definitivo no teatro brasileiro a explosão criativa do Teatro Oficina em 68, "divisor de águas", como diz o pessoal da literatura. Na época, José Celso Martinez Correia filmou o espetáculo inteiro, muitas vezes, depois filmou cenas extras em externas, gravou entrevistas, refilmou novas cenas, foi rodando o filme ao longo desses dez anos, enriquecendo-o de novas informações e transformando-o continuamente, um dos mais importantes projetos e documentos de uma das épocas mais ricas e intensas da cultura brasileira. Agora, em São Paulo, já está no finzinho a montagem definitiva e Caetano Veloso até já criou a música, ele que disse na época que passou a compor diferente depois de ter visto o "Rei da vela", expressão teatral do Tropicalismo ao qual se juntaram cinema, música popular, literatura e artes plásticas em um barulho que se ouve, bonito, até hoje. Acontece que falta à Embrafilme liberar uma última parcela para que a montagem termine e o filme vá aos ares. E a grana não sai. Mas deveria sair, ainda que de uma não existente mas necessária verba de "emergência cultural inadiável".

Numa diabólica Ângela, o riso que virou nome de guerra



Angela Ro-Ro: cantando ou compondo, pura emoção

Conheci Angela Ro-Ro há alguns anos, no tempo em que ela ainda hesitava entre ser artista ou matar-se lentamente. De cara, seu humor me impressionou, envolveu-a diante de mim uma simpatia irresistível, antes mesmo de ouvi-la cantar ao piano suas músicas. Depois do som, a certeza que estava começando a me tornar amigo de uma artista sensível e original. Em um festival alucinado em Saquarema, ela estreou profissionalmente. E deu seu recado. Depois passou uns três anos batalhando em tudo que é gravadora e nada. Houve uma hora em que tentei armar um esquema de produzi-la independentemente, mas não houve dinheiro para bancar o trabalho como queríamos, como ela merecia. Nesse tempo ela dizia: "Grava comigo antes que eu acabe:..." E Angela estava mesmo se acabando, gorda, sofrendo como uma condenada. Seu visual era uma caricatura malvada do que ela era. Angela estava se acabando mesmo,

perdida na noite, mas transformando em música e letra a sua "saison en enfer". De repente, Angela resolveu que ia encarar mesmo a barra de ser artista, a todo risco. Parou com a birita, começou uma análise, emagreceu, voltou a ficar bonita... e gravou seu primeiro disco. Em todos os lugares, páginas, vídeos e personalidades musicais, o nome Angela está presente, como a grande revelação de cantora-compositora (ao lado de Fátima Guedes) da nova década. Angela, compondo ou cantando, é pura emoção. Embora pessoalmente, no convívio, exiba um lado racional muito sólido, articulado e inteligente. E tanto em seu trabalho como em sua vida, mesmo diante das barras mais luciféricas que lhe pintam-pintaram-pintarão, não esmorece um amor original, atrevido, crítico e autocrítico, que provoca, sempre, irresistível o riso. Como a risada que lhe deu o nome de guerra, nascida de sua garganta rouca: Ro-Ro.

Noites Cariocas, no alto do Morro da Urca, não será uma gafeira, nem uma discoteca, nem um forró, nem um carnaval porque vai ser tudo isso ao mesmo tempo e mais: uma festa. E movida a música prapular brasileira, que será ouvida e dançada ao vivo com a orquestra de Edson Frederico (Dragão de Ipanema), fitas gravadas especialmente em estúdio com a supracitada banda e mais o som de Rita Lee, Novos Baianos, Luiz Melodia, Luiz Gonzaga, Gilberto Gil, Frenéticas, Lamartine Babo, Assis Valente, Jorge Ben e todos os que criaram a música prapular brasileira desde sempre. Comandando a festa o discotecário Dom Pepe, que mais uma vez promete "fazer vocês todos pularem feito pipoca". Na quinta que vem vai aos ares puros do alto do morro da Urca, quando todos poderão aproveitar e admirar o projeto de Marcos Flaksman, que transformou radicalmente o ex-Dancin'Days em algo absolutamente inédito no lazer musical, dançante, teatral, café-concertal brasileiro, já que o polyvalente espaço compatibiliza 700 lugares cobertos e muito mais que 700 ao ar livre em uma imensa área verde para as alegrias do verão carioca. De começo, o Noites Cariocas vai rolar às quintas, sextas e sábados e diversificada programação teatral (talvez a nova montagem do Asdrúbal Trouxe o Trombone) e musical (shows) nos demais dias.

● O Projeto Aquarius vai à luta, ou melhor, ao disco. Com Isaac Karabtchevsky comandando a Sinfônica, já foram realizados os primeiros testes para as gravações que se iniciam brevemente. Acontece que para acomodar os cento e tantos músicos integrantes da orquestra, não havia estúdio que desse jeito, e o jeito foi acomodar parte nos dois estúdios da Som Livre e parte nos dois estúdios vizinhos, da TV Globo, e ligar maestro, músicos e técnicos, através das paredes, por meio de complexo sistema de circuito fechado de TV, interfonos e coisa e tal. Mas funcionou e breve o Aquarius estará nas lojas, com hits clássicos nacionais e de todas as latitudes.

Poucas homenagens mais justas a uma legenda viva do samba: "Jorge Ben, vida e obra" é o enredo do bloco Caçadores de Vila Isabel. A recente "Dona Culpa ficou solteira", indiscutível obra-prima de Jorge interpretada por Caetano é mais uma — como se ainda fossem necessárias — prova de genialidade desse único poeta popular: "Liberdade, igualdade e fraternidade é o seguinte: se tem liberdade, tem que ter amor, igualdade e fraternidade..."

Observação generosa e urgente para momentos em que a liberdade começa a ser conquistada. E a igualdade e a fraternidade, onde é que ficam? perguntam Jorge e Caetano.

A importância
de Vinicius
na nova poesia
musical
brasileira.
Dados para
uma reflexão
cultural.

Não sei bem quem mas parece/que Otto Lara foi quem disse/ que Vinicius de Moraes/ já no nome é plural./ E ouvindo a poesia/ musicada que se fez/ depois dele não há quem/ não o creia/ o pai geral/ dos poetas que nasceram/ de seu canto e sua voz/ como Chico, Caetano,/ como todos que vieram/ depois dele e tantos são,/ quase todos, todos santos;/ são poetas todos, tantos,/ que hoje encantam multidões:/ foram flores, são os frutos/ de Vinicius, o plural.

Quatro de
Caetano no novo
do quarteto,
balanço assustador

Encontrando agradável e casualmente as amigas do Quarteto em Cy, fico sabendo — através do entusiasmo delas — que o próximo disco será baseado apenas nas músicas de quatro compositores, de uma forma ou outra, ligados à trajetória delas: Ivan Lins, Gonzaguinha, Milton Nascimento e Caetano Veloso. Ai elas falam do problema de escolher quatro, apenas quatro, músicas de Caetano (entre toda a sua criação) para o disco. E gravaram em cassete tudo que puderam, desde o início dele, para uma ampla seleção. É simplesmente assustador o número, a quantidade, de músicas de alta qualidade de Caetano. Assustador. Sim, porque a contemporaneidade, a proximidade cotidiana com o trabalho do artista, quase sempre impede uma visão global de sua obra, diluídas as criações ao longo de anos e anos de música e vida. Desde "Alegria, alegria" até "Menino do Rio". É algo de assustador, tanto ele ousou e inovou ao longo desses anos, tantos. E, no entanto, é sempre visto e revisito com reservas, diante de cada novo disco, cada nova proposta. Assustador.

● "João Valentão é brigão, pra dar bofetão, não presta atenção e nem pensa na vida, a todos João intimida..." O clássico samba de Dorival Caymmi, ganhando humor e repentina atualidade, é um dos sucessos que se embolam no primeiro Lp de música prapular brasileira da orquestra Dragão de Ipanema, de Edson Frederico, breve em todas as boas bocas e salões de verão. Não é verdade que o lançamento será em Florianópolis...



SERVIÇO



Com a participação do elenco da TV Globo e a presença da cantora Maria Bethânia, Roberto Carlos comemora os 15 anos de existência da emissora

ROBERTO CARLOS ESPECIAL

PRESENTE DE NATAL NA TV

Diana Aragão

O sexto programa de Roberto Carlos para a Rede Globo não promete nada de novo, a julgar pelo seu script, formal e recheado de autopromoções para a emissora. Mas de qualquer maneira é mais um Especial do Rei, do cantor que hoje está acima do bem e do mal.

Dirigido por Augusto César Vanucci, com textos de Ronaldo Boscoli, Eloy Santos e Marcos César, o Especial está dividido em cinco blocos e terá, segundo o seu diretor, um total de 1h40m, com os comerciais.

A idéia central do programa deste ano nasceu há dois meses e tem como tema principal os 15 anos de criação da Globo, mobilizando todo o elenco da emissora. No primeiro bloco, por exemplo, o cantor, do alto da Pedra da Gávea, cantando Força Estranha terá um corte para o estúdio, onde Roberto, caracterizado como um palhaço, falará do "circo eletrônico, das cores, das luzes, da ação." Nesse espetáculo circense a presença dominante é a do palhaço, com cenas humorísticas com Os Trapalhães, e com os personagens do Planeta dos Homens.

"São 15 anos de vida, venha conhecer o nosso circó eletrônico. A grande mágica. Venha comigo..." Para o diretor do Especial, "esta abertura é forte e está muito boa." Depois da apresentação de toda a parafernália da emissora, com cenas rápidas dos vários departamentos (deve ficar muito bonito em termos de imagem), o cantor cantará as músicas Os Seus Botões, Na Paz do Seu Sorriso, For Once My in Life.

No segundo bloco, Roberto Carlos participará de sketches com os humoristas da estação, como Jô Soares, no papel do ótimo Dr Sardinha, Agildo Ribeiro, Os Trapalhães, parodiando Café da Manhã e um outro quadro com a Salomé, do Chico Anísio.

Este bloco deverá ser encerrado por Artur Moreira Lima e João Carlos Martins tocando juntos, ao piano, a música Detalhes.

No terceiro bloco, que mais parece um sarau litero-musical. Foram escalados, ao lado de Roberto, os atores Paulo Gracindo, Dina Sfat, Francisco Cuoco, Glória Menezes e a cantora Maria Bethânia. Primeiro, o cantor cantará Outra Vez, seguida de poema A Mulher que Passa, de Vinicius de Moraes, recitado por Paulo Gracindo, complementada pela maravilhosa música Grito de Alerta, de Gonzaguinha, interpretada por Maria Bethânia. O poema Nu, de Manoel Bandeira, será ouvido na voz de Francisco Cuoco, seguido de Ternura, de Vinicius de Moraes, com Vera Fischer. Complementando, Bethânia e Roberto Carlos cantam juntos, Desabafo. Depois cantará ainda grandes destaques do seu repertório como Cavalgada, Seu Corpo, Proposta, Olha, Jeito Estúpido.

Já o quarto bloco do Especial ainda não estava resolvido, na quarta-feira, por problemas de edição, já que o diretor queria fazer algumas modificações, pois se trata de cenas em que Roberto Carlos interpreta um texto teatral. E o quinto e último bloco mostrará Roberto Carlos a vontade, conversando com o filho Segundinho, recordando os seus tempos de dificuldades, a sua vida, em rápidos flashes, com o cantor na barca Rio-Niterói. O seu pai será lembrado através da música Meu Querido, Meu Velho, Meu Amigo, cortando depois para o cantor dizendo uns versos sobre "o nosso grande pai" (Jesus Cristo) e interpretando O Homem. O final mostrará, mais uma vez, a cara de palhaço, o final da grande função.

Para o diretor do programa "é sempre agradável trabalhar com Roberto Carlos que, como Alcione, é um excelente profissional".

Segundo Vanucci, o cantor está mais sério e contido, que optou pela sobriedade.

Durante as gravações de quatro dias de estúdio e oito de externas, foram mobilizados, além do elenco global, 49 pessoas da técnica, 36 da produção, 48 músicos, um produtor musical e dois maestros. A supervisão de produção é de Ruy Mattos, produção de Nalyza Santos e assistência de Gustavo Lopes e Gabriela Vanucci.



Vestido de palhaço, como no ano passado, Roberto relembra o Ano Internacional da Criança

OS 15 ANOS DA GLOBO COMEMORADOS PARA VALER

Maria Helena Dutra

SÍMBOLO vivo da Rede Globo. Um dos muitos títulos de Roberto Carlos que vem, a cada ano, mais se afirmando. Quando começou a fazer na estação os Especiais de fim de ano, 1974, a sintonia não era ainda tão marcante.

Estes não tinham ainda tema central muito definido e não surgiam, então, como primeiro episódio de campanhas ou comemorações da estação. Isto aconteceu até 1978, data em que se alternaram bons e maus programas, mais ou menos descompromissados de televisão.

Mas o ano passado foi diferente. Roberto Carlos comandou maratona, de 24 horas no ar, para abrir o Ano Internacional da Criança, conseguindo milhões em doações para favelados de Acari e seus congêneres de todo o Brasil. Emprestou sua figura, deu fiança e se tornou quase um logotipo de uma programação que todos pensavam ia ser intensa com presença constante entre os campeões de audiência. Tanta que poderia até alterar a mentalidade

dos responsáveis pela programação infantil do canal 4 que, graças aos rogos de Roberto, iriam fazer em 79 uma excelente série de atrações com poucas importações, mínimo de violência e esmeradamente educacionais. Para grande espanto de todos, nada disto aconteceu. As informações sobre a campanha foram ficando escassas, as doações acabaram sendo entregues, acredito, no máximo sigilo e a Mulher Maravilha e os Ursulã do não continuaram a dominar as tardes globais.

Mas para este ano temos a certeza de que não se repetirão estes esquecimentos. Desta vez é para valer, porque Roberto emprestará sua figura, dará fiança e tomar-se-á o logotipo do Ano Nacional dos 15 Anos da Globo.

Não ficará 24 horas no ar, mas as recordações, artistas e salamaleques que vai inaugurar nos perseguirão durante os próximos 365 dias do primeiro ano 80. Duvido que a estação escasseie informações, com mais sigilo ou atrás das câmaras acontecimento de tamanha importância cultural e filantrópica. Saúde!

Pelo presente se conhece o amigo.

Crônica da Casa Assassina de Lúcio Cardoso -
ficção brasileira

Cr\$ 260,00

Os Militares no Poder de
Carlos Castello Branco
Coleção Brasil Século
XX

Cr\$ 650,00

Cruz de Sangue de Emi
Bulhões Carvalho da
Fonseca - Romance

Cr\$ 170,00

Os Cadernos de Malte
Laurids **Brigge** de Rainer
Maria Rilke - Romance

Cr\$ 150,00

**Ninguém quer um Cora-
ção** - J.M. Simmel -
Romance

Cr\$ 220,00

Anábase - de Saint - John
Perse - Coleção Poiesis

Cr\$ 160,00

**O Operário em Constru-
ção e Outros Poemas** de
Vinicius de Moraes - Co-
leção Poiesis

Cr\$ 120,00



EDITORA NOVA FRONTEIRA

Sempre um bom livro

Rua Maria Angélica, 168 - Lagoa - CEP. 22.461 - RJ

Em todas as livrarias ou pelo reembolso postal

SOM NOSSO DE CADA DIA

Tárik de Souza

A gravadora alemã Ariola, em fase de implantação no Brasil deverá mudar o panorama do mercado musical em 80. Depois de colocar em estúdio seus primeiros contratados, a dupla Vinicius e Toquinho (que sai com um LP em março), assinou por três anos com o cantor e compositor Alceu Valença e adquiriu também o passe da compositora, cantora e guitarrista Marina, da WEA. Em fulminante tacada, firmou compromisso esta semana com Milton Nascimento: 2 discos em dois anos. Obviamente num caso como esse ninguém admite cifras oficiais. O que se sabe, em trocadilho, *off the records*, situa a transação na casa dos Cr\$ 30 milhões. Também sob a forma de boato, diz-se que a Ariola, depois de ter desistido de Ronnie Von (a RCA não quis liberá-lo) e conversando com Chico Buarque, sonda insistentemente dois salientes integrantes do time da Som Livre, Jorge Ben e Moraes Moreira.

• Violinista clássico desde os cinco anos, o francês Jean Luc Ponty virou casaça, literalmente, com o rock. Trabalhou com o ensandecido Frank Zappa e seu grupo Mães da Invenção (Mothers of Invention), associou-se à banda do tecladista George Duke e, a seguir, entrou na Mahavishnu Orchestra, de John McLaughlin. A partir de 75, consolidou o violino na música contemporânea, através de carreira solo. Ele acaba de lançar o sétimo LP, *A Taste of Passion*, com uma excursão monstro pelos Estados Unidos, acompanhado do grupo inglês Supertramp.

• Da numerosa safra de cantoras novas surgida em 79, se depender apenas de vendagem e prêmios o futuro de Joanna, pelo menos, está garantido. Seu LP *Nascente* já ultrapassou a barreira das 20 mil cópias, impulsionado pelo sucesso *Descaminhos*. Na semana passada recebeu dois prêmios de revelação do ano: um do ÓbaÓba de Sargentelli, outro do Clube dos Artistas, da TV Tupi.

• E por falar em sobrevivência, o grupo Chic, por enquanto, parece ter escapado à debacade da discoteca. Diga-se que ele está passando para o segundo escalão do mercado; invés de emplacar Lps, consegue êxito apenas nos compactos que vão sendo extraídos de cada novo lançamento. *Good Times*, faixa do LP *Risque* já ultrapassou o milhão de cópias e duas outras do mesmo repertório, *My Forbidden Lover* e *What About Me* também terão edições independentes, a exemplo de *Le Freak*, recordista do ano passado com 4 milhões de compradores.

• A criminalidade, assunto que ocupa o maior espaço de jornais e TVs, também é o tema de *Profissionalismo É Isso Aí*, de Aldir Blanc e João Bosco, faixa do novo LP da Banda Black Rio.

• Um programa para amenizar este Natal violento: dia 27, no auditório do Colégio São Bento (R. D. Gerardo, 68), às 18:30, a cantora Elizeth Cardoso se apresenta com o conjunto Camerata Carioca. Promoção do Departamento Geral de Cultura.

• Rock de mãe para filha, desde os anos 50. O lema serviria como luva para a carreira de Louise Goffin, integrante das falanges da New Wave, filha da superestrela Carole King. Louise é a principal atração do clube Nashville, centro irradiador da nova onda novaiorquina e já teve como platéia até mesmo o venerando Roy Cry Orbison.

• De tudo que foi dito a respeito da morte do grande boêmio, jornalista e decano da crítica musical, Lucio Rangel, falou o apelo para que uma editora reunisse em livro seus preciosos artigos não incluídos no clássico *Sambistas e Chorões*. Será preciso tornar acessíveis esses ensinamentos substanciais.

• Da matéria "A Opção dos Alternativos", na coluna da semana passada por um lapso não constou o disco de estreia da cantora Aline, logo um dos mais consistentes deste pacote de produção independentes. Com o original selo "Companhia Vento de Raio" e pérolas das duplas João Bosco/Aldir Blanc ("Negação") "Esta é a sua Vida", "O Cavaleiro e os Mo-



Elizeth Cardoso: dia 27, no Colégio São Bento

nhos") e Vitor Martins/ Ivan Lins ("Meu Amor não Sabia"), mais TomZé ("A Carta") e Caetano Veloso ("Amo-te (Mesmo?) Muito"). Aline revela-se uma cantora de timbre e fraseados incomuns, com uma abordagem arrojada das músicas. Numa das faixas, em plena introdução instrumental, monta uma hipotética auto-entrevista, a respeito da validade do disco alternativo. No seu caso, o resultado é mais que afirmativo.

• O jornal inglês *Melody Maker*, edição de 1º de dezembro estampa os mais votados por seus leitores no ano de 79. Ganhou em toda a linha (melhor grupo, melhor disco, melhor ao vivo, melhor cantor, melhor guitarrista, melhor produtor, melhor compositor), o redutivo Led Zeppelin. O motivo de tal prestígio, foi o lançamento de "In Through the Out Door", um dos raríssimos Lps do rock que movimentaram a pasma-ceira internacional da área.

Em segundo plano, o fantasma do grupo Yes, com a eleição de seu som glacial na rubrica "melhor arranjo", a consagração de Chris Squire (baixo) e o infatigável Rick Wakeman, em seu entra e sai do grupo, como tecladista. O prestígio de Flara Purim não atinge o Reino Unido: a melhor cantora do ano na opinião dos leitores ingleses do MM foi a intragável Kate Bush, com sua voz fininha conhecida aqui pela exaustiva repetição de um comercial de cigarros, na TV.

• Apesar da capa tenebrosa, ouvidos abertos para a dupla sertaneja feminina Mati e Malu, que rima com o selo Uirapuru, lançador de seu LP, *Amando a Natureza*, na CBS. Consistentes adaptações do folclore (Lavadeira, O Bicho Tamanduá, Samba Negro, e até uma composição do falecido J. Canseira, nascido em Juiz de Fora e radicado no Rio. Mati e Malu não se confundem com a rebarba musical que costuma, depreciativamente ser rotulada de calpira. Escolhem e trabalham com esmero seu material sonoro, sem preocupar-se com o consumo fácil dos Rock & Rollers do setor.

• No mesmo caso está o conjunto de discos da dupla Pereira abordando a música do Estado de Goiás. Um álbum duplo com os diversos gêneros da região (Música do Povo de Goiás), uma rara seleção de gravações pioneiras, realizada em 1942 (Batismo Cultural de Goiânia), outro LP de Danças e Instrumentos Populares de Goiás e ainda uma coletânea de Modinhas Goianas, na interpretação de Maria Augusto Calado. Em matéria de pacote natalino, o menos casuista possível.

• Passada a febre italiana que invadiu o mercado brasileiro em meados da década de 60, poucos



Alceu Valença: o primeiro...

nomes sobreviveram, como Sérgio Endrigo, Gino Paoli ou Nico Fidenco, que vez por outra vem ao Brasil colher dividendos remanescentes deste período. Não é o caso de Bobby Solo, considerado o "Elvis italiano", que infernizou nossos ouvidos depois do *Festival de San Remo de 64*, com *Una Lágrima Sul Viso*. A seguir emplacou ainda *Se Piangi Se Ridi* (1º lugar no *San Remo de 75*), *Non ce Più Niente da Fare*, *Siesta e Zingara* (*San Remo 69*), antes de despontar vertiginosamente para o anonimato. Agora volta, num LP nostálgico de rocks do tempo em que engatinhava sua carreira, como *All Shook Up*, *Tutti Frutti*, *Don't Be Cruel*, *It's Now or Never*, *Lucille*, etc. *Baixou o caboco Elvis Presley outra vez*.

• O show da cantora Vanusa mudou de diretor (agora é Artur Laranjeiras) e passou sua estréia para o dia 3 de janeiro, no mesmo Teatro Galeria.

• "Quem diz, não mente na mão do fraco sempre morre o valente". A frase atualíssima vinha repetida numa voz roufenha gravada num LP que sacudiu os alicerces do mercado em 63. Quem teria coragem de gravar, aquela altura, o *anticomercial* Nelson Cavaquinho? Só mesmo um produtor corajoso como Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, que reuniu num antológico LP as vozes da nordestina Telma e do compositor da Mangueira, *Telma Interpreta Nelson Cavaquinho* (CBS) está sendo relançado para alegria dos pioneiros frequentadores do Zicartola, Estudantina e adjacências.

• A caítuagem existe desde quando o disco começou a dar lucros e construir carreiras, mas não deixa de ser inovador o método escolhido por Jorge Mautner para solicitar a aquisição de seu compacto *O Filho Predileto de Xangô/O Boi*. Diz ele no release: "Cada compacto comprado por você, querido ouvinte, querida ouvinte, é um voto depositado em nós nesta campanha nacional-mundial pela paz dos novos tempos. Cada disco um voto a favor da descolonização cultural, da liberdade, da democracia com justiça social e amor de Deus".

• Quem não esteve segunda-feira no espetáculo *Soro*, montado por Fagner no Teatro Carlos Gomes, não sabe o que perdeu. Além de um show inteiro, completo, do cantor de maior pique no momento — o mesmo Fagner — uma memorável apresentação do poeta e cantador Patativa do Assaré, que surpreendeu a enorme platéia com seus versos rigorosamente metrificadas, de imagens sinceras e rudes. Outro ponto alto da apresentação foi o dueto insólito entre o letrista Fausto Nilo e a boierista Nubia Laffayette. A pedido de Fagner, sozinha, ela ainda deliciou o auditório com *Devoivi*, número mais aplaudido de seu cardápio nos anos 60.



... e Milton Nascimento, o segundo a assinar com a Ariola

Através de vários cortes de interpretação, os jornalistas Margarida Auzan e Ana Maria Sabrosa e o crítico e ensaísta José Miguel Wisnik revisam a década musical não apenas da nova bossa, dedicada a música popular, edição da *Bohème*. Entre outras matérias, discute-se a relação com a música vanguardada, o papel do Estado na produção, a linha evolutiva do area universitário, o samba e a música instrumental.

• Por sua vez, o samba tem seu próprio modo de expressão no *Jornal do Clube do Samba*, em seu segundo número. Com amigos de João Nogueira, Sérgio Cabral, Nei Lopes, Moacyr Andrade, Hamilton Costa e Paulo Pinheiro, o jornal editado pelos mesmos dirigentes do Clube, que agita a sede do Filarmônico nas sextas-feiras à noite, é distribuído gratuitamente a associações e interessados. Redação: Rua José Veríssimo 50 — Méier.

• Lançada na semana passada em Brasília com o 1º Concerto da *Whitely de Galvina Cabeças* na festa *Organo de Debacia*, a revista de letras *Visagem Grande Circular*, edição de Lucas Tombo, Tênis Calabro e Bricio Rocha.

Logo depois do Natal, dia 26, a orquestra *Metalúrgica* do Grupo de Ipanema dá os acordes iniciais da nova casa noturna na cidade, o *Noites Cariocas*, dirigida pelo jornalista Nelson Motta, nos pátios do antigo clube de dança, onde era o *Dancin'Days*. A *Conceição* vem lá inteiramente restaurada e funcionará a partir de domingo, apresentando com exclusividade a renomada música pra-quitar brasileira.

No momento 6474, o compacto simples editado pela RCA Victor com, de um lado a composição de *Marcos Vinícius Araújo Beata Mochinha*, de outro *Amor de Geraido Vitor*. O cantor? Luiz Gonzaga, em pessoa, o Rei do Baião. Não se sabe o quanto ele estiverá esperando para receber o quanto de seus compactos de concorrentes, com a mesma qualidade, disputando os primeiros postos de venda. Não se negue ao velho Luiz o mérito e a coragem deste pioneirismo, que lhe custou o recolhimento da gramação a poucos dias de lançada, em novembro de 68.

• Quem não consegue em ritmo otimista e encheção de peito o caprichado show de Simone no *Teatro Carlos Gomes*, introduzida pelo êxito de seu novo disco, lançado recentemente pela direção de Flávio Rangel, vive seu momento de glória maior.